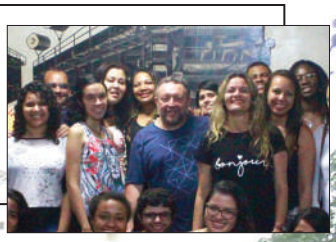
Pauta

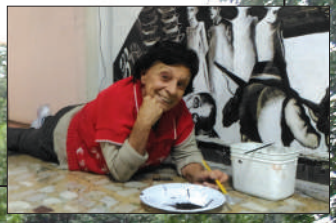
ABRIL - MAIO 2017
Nº 4

Revista do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

CURSO LIVRE DE JORNALISMO



PAINEL RESTAURADO



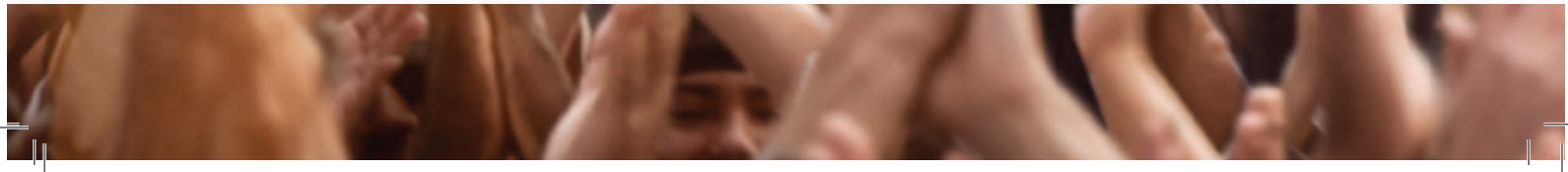
AS JORNALISTAS E AS REFORMAS

Jornalistas de Minas
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

Liberdade e democracia são valores que definem Minas Gerais. Na nossa Assembleia Legislativa, esses ideais estão sempre presentes no debate, no diálogo e na luta diária pelos interesses de Minas e dos mineiros. Participe! É com você que a Assembleia se torna, cada vez mais, o poder e a voz do cidadão.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS

almg.gov.br



Pauta é uma publicação do **Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais** gestão 2014-2017.

Diretoria Executiva: Kerison Lopes – Presidente; Alessandra Mello – Vice-presidenta; Verônica Pimenta – Diretora Secretária; Marcelo Fiuza – Diretor Financeiro; Bruno Couto – Diretor de Fiscalização. **Diretoria Setorial:** Aloísio Morais Martins – Diretor de Organização Administrativa; Marcelo Portela – Diretor de Saúde; Andrea Castello Branco – Diretora de Formação Profissional; Mariana Viel – Diretora de Integração com Escolas de Comunicação; Artenius Daniel – Diretor Cultura; Gildemir Lima – Diretor de Comunicação; Arlan França – Diretor de Assessorias de Comunicação; Gê Alves – Diretora de Relações Institucionais; Rômulo Moreira – Diretor de Direito Autoral e Imagem; Neide Pessoa – Diretora de Aposentados e Previdência; Rogério Hilário – Diretor Jurídico; José Augusto Filho – Diretor Regional Norte; Francisco Pereira – Diretor Regional Sul; Erival Alves – Diretor Regional Triângulo e Alto Paranaíba; Paulo Sérgio de Oliveira – Diretor Regional Leste. **Conselho Fiscal:** Marcos André Ribeiro – Efetivo; Marcos Erlan – Efetivo; Eduardo Motta – Efetivo; José Milton Santos – Suplente; João Paulo Dias – Suplente; Luís Carlos Bernardes – Suplente. **Comissão de Ética: Jornalistas:** Valéria Said – Presidente; Virgínia de Castro – Vice-presidente; Mozahir Salomão – Secretário. **Representantes da sociedade:** Lucas Cadete Zállio (OAB-MG); Leonardo Soares Nader (Conedh-MG). **Casa do Jornalista – Diretoria:** Mauro Werkema – Presidente; José Maria Rabêlo – Vice-presidente; João Paulo Pinto da Cunha – Diretor de Cultura; Dinorah Maria do Carmo – Diretora Administrativa e Financeira; Vilma Tomaz Ribeiro – Diretora de Comunicação; Guy Affoso de Almeida Gonçalves – Suplente; José Eduardo da Costa – Suplente. **Conselho Fiscal:** Aloísio Soares Lopes – Efetivo; Jane Maria de Medeiros – Efetiva; Américo César Antunes – Efetivo; Vilma Fazito Rezende – Suplente. **Assessor de Comunicação:** Carlos Cândido.

Colaboraram nesta edição: Adrilles Jorge, Aloísio Lopes, Américo Antunes, Antônio Siúves, Artênius Daniel, Brenda Marques, Brisa Marques, Caio Santos, Carlos Ávila, Carlos Barroso, Carlos Cândido, Carlos Diamantino, Carlos Hauck, Cláudio Cunha, Duke, Eduardo Castor, Eduardo Murta, Erro 99, Fabrício Marques, Geraldo Elísio, Gil Sotero, Jairo Fará, João Carlos Firpe Penna, João Paulo, José Maria Rabêlo, Kerison Lopes, Leo Drumond, Lidyane Ponciano, Lucas Buzzati, Magaly Reinaldo, Marcelo Gomes, Marcelo Machado, Marcelo Pinheiro, Marcos Alvarenga, Marianne Fonseca, Marina Moregula, Maurício Lara, Natália Martino, Nilson, Paulinho Assunção, Regis Gonçalves, Symphronio Veiga, Thauane Ferreira, Verônica Pimenta, Walter Sebastião.

Diagramação: Marquélia Damaceno (Vilarejo Comunicação).

Endereço: Avenida Álvares Cabral, 400, Centro, Belo Horizonte, MG. CEP 30170-000. Telefone: (31) 3224-5011.

Distribuição gratuita. Abril-Maio de 2017.

Jornalistas de Minas
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

foto Lydiane Ponciano

TRINCHEIRA DA DEMOCRACIA

Vivemos tempos difíceis para os brasileiros e em especial para os jornalistas. Incapazes de defender a Constituição e a democracia, as instituições da Nova República desmancharam uma a uma. Incapazes de defender o jornalismo, dissolveram-se as grandes empresas jornalísticas.

O "golpe devastador", como previu o jornalista e escritor Fernando Morais, em palestra no 14º Congresso Estadual de Jornalistas, não tardou em mostrar sua verdadeira face. União de políticos corruptos e empresários reacionários, capitaneados pelos patrões da grande mídia, a frente golpista pretendia, por um lado, proteger bandidos, e por outro, atacar os direitos dos trabalhadores.

Mais do que nunca, lutar pela democracia é lutar pela democratização da comunicação. Não haverá democracia no Brasil enquanto a opinião pública for manipulada por meia dúzia de empresas familiares que põem e depõem presidentes. Empresas que desprezam o jornalismo, que tratam seus empregados como peças descartáveis e os jornalistas como inimigos.

Enquanto seus prepostos políticos aprovam a toque de caixa as reformas trabalhista e da previdência, os patrões antecipam para os trabalhadores uma realidade de demissões em massa, acúmulo de funções, não pagamento de férias, FGTS, vale-transporte, tíquete alimentação, plano de saúde, entre outros direitos.

Cabe aos trabalhadores reconquistar a democracia que nos foi roubada por patrões reacionários e políticos corruptos. Cabe aos jornalistas fazer renascer o jornalismo assassinado pelos barões da mídia. Exigência urgente da sociedade brasileira, a volta da democracia passa por eleições diretas, livres e gerais. Exigência da democracia, o renascimento do jornalismo passa pela democratização da comunicação.

Esta revista Pauta é uma trincheira da luta dos jornalistas pela liberdade e pela democracia. Assim como aconteceu durante a ditadura militar, o Sindicato e a Casa do Jornalista tornaram-se em 2016 o abrigo mais ardoroso da resistência democrática. Em 2017, a "Casa da Liberdade" está e continuará aberta a todos que queiram construir uma democracia verdadeira, imune aos interesses episódicos das elites reacionárias, sustentada na vontade popular e capaz de ocupar todos os espaços do país.

Kerison Lopes, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

5 JOÃO PAULO
9 CAIO SANTOS
10 LUCAS BUZATTI
12 MARCELO MACHADO
13 NATÁLIA MARTINO E LEO DRUMOND
20 A REFORMA DOS RICOS
22 QUATRO PODERES CONTRA OS TRABALHADORES
24 ALOÍSIO LOPES
26 MARCELO GOMES
27 VERÔNICA PIMENTA
28 THAUANE FERREIRA
30 GERALDO ELÍSIO
31 CARLOS CÂNDIDO
38 JOSÉ MARIA RABÊLO
40 ARTÊNIUS DANIEL
48 DUKE
52 MEMÓRIA
53 PAULINHO ASSUNÇÃO
54 MAURÍCIO LARA
55 AMÉRICO ANTUNES
56 NILSON AZEVEDO
59 EDUARDO CASTOR
60 SYMPHRONIO VEIGA
62 LAURA MARIA

ENCARTE
SJPMG 2014-2017:
DOIS BRASIS, DOIS MUNDOS

CAPA: MARQUÉLIA DAMACENO, COM FOTO DE ALESSANDRO CARVALHO

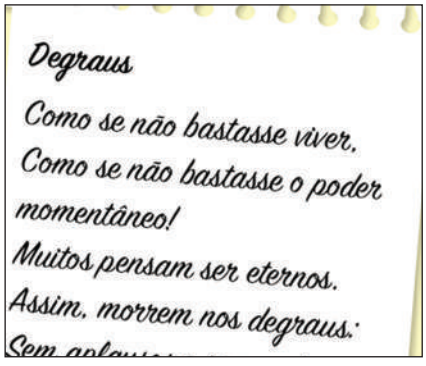
14 AS JORNALISTAS E AS REFORMAS

Crédito: Alessandro Carvalho

6 CURSO LIVRE DE JORNALISMO

Crédito: Fernando Barbosa e Silva

32 POETA, PROFISSÃO JORNALISTA



Degraus

Como se não bastasse viver,
Como se não bastasse o poder momentâneo!
Muitos pensam ser eternos.
Assim, morrem nos degraus.

36 AS BICICLETAS CUBANAS

Crédito: Gil Solero

50 PAINEL RESTAURADO

Crédito: Cláudio Cunha

ESTÁ FALTANDO **CULTURA**

JOÃO PAULO

O jornalismo cultural anda em baixa. E não é de hoje. Qualquer análise singela do espaço que o setor tem ocupado nos jornais e revistas mostra uma diminuição constrangedora. Se na quantidade a regressão é indisfarçável, no conteúdo a situação não é melhor. Seguindo a mesma lógica que trocou a leitura pela audiência, a inteligência pelos cliques, nas páginas culturais ganha destaque a espuma dos dias.

Além da imprensa diária, terreno cada vez menos permeável à pluralidade e à profundidade, as publicações semanais e mensais dedicadas às artes e cultura também escassearam. Na literatura, por exemplo, fora algumas iniciativas resistentes – muitas delas quase pessoais – como o Suplemento Literário, em Minas Gerais; Rascunho, no Paraná; e Pernambuco, o mais são as poucas resenhas que seguem apostas das editoras, quase sempre em redundância. Ou, quando muito, a substituição do jornalismo cultural propriamente dito pelo ensaísmo mais ligeiro.

O mesmo padrão que se observa na literatura pode ser percebido em outras formas de expressão, como a música, o cinema e as artes visuais. Não recebem acolhida nos diários e viram desaparecer as revistas que davam vazão ao interesse do público em ampliar seu conhecimento sobre suas áreas de interesse. Se no campo da arte o cenário é raso, no que diz respeito ao acompanhamento das políticas culturais a situação é ainda mais frágil e pouco relevante.

A saída que vem sendo seguida pelos blogs especializados pode, em certo sentido, ajudar a ocupar essa sensação de vazio. Mas não é suficiente. Esses canais vêm dinamizando o debate, mas na economia da informação, não apresentam capacidade de criar uma atmosfera pública que eleve a cultura ao mesmo patamar das outras questões da sociedade. Cultura é a essência do que consideramos democracia, não uma névoa que se evola em torno de temas mais importantes.

Não se trata do chororô sobre a perda de espaço e muito menos reminiscência atávica de uma pretensa consistência intelectual que, de resto, nem foi tão grande assim. O que é mais grave é o esvaziamento da relação entre jornalismo e cultura, uma conquista democrática que foi sendo plasmada com o tempo. Jornalismo é uma forma de expressar uma dimensão da cultura que, de outro modo, ficaria restrita a um pequeno grupo, acentuando a desigualdade e impedindo a emergência da força criativa da sociedade.

O jornalismo cultural é uma das formas da cultura. Ou deveria ser. Além da divulgação, da crítica e até de certo papel formativo, cabe a ele expandir a criação a um público que não teria outra oportunidade de entrar em contato com as obras de cultura. Por seu intermédio, uma canção, um poema, uma montagem, uma performance, um filme, tudo isso ganha dimensão expressiva, que amplia o repertório do leitor e estabelece novas perspectivas de diálogo. É uma relação delicada, que não se resume ao registro informado nem se confunde com a missão da academia.

A contração do jornalismo cultural em minifúndios espremidos e a poucos signos de validação do mercado tem por isso consequências graves para o jornalismo e para a cultura. Perde a cultura pelo seu esgarçamento, estandartização e diluição crítica nas páginas do periódicos. Perde a imprensa pela morte de uma de suas conquistas, o reconhecimento da mediação dialética entre as obras de criação e a sociedade. Uma cultura sem inteligência; uma imprensa sem verdadeiro jornalismo. Essa notícia não vai ser lida nos jornais.

JOÃO PAULO CUNHA é jornalista, formado também em filosofia e psicologia. É colunista do jornal Brasil de Fato e presidente do BDMG Cultural.

foto *CLÁUDIO CUNHA*

OCUPANDO A SALA DE AULA...

... COM O CURSO LIVRE DE JORNALISMO

JOÃO CARLOS FIRPE PENNA

JOÃO CARLOS FIRPE PENNA é jornalista, idealizador do Curso Livre de Jornalismo e ex-professor da PUC Minas.

O sábado amanheceu frio e chuvoso. Apesar do mau tempo, aos poucos, eles foram chegando. Rapazes e moças. Na maioria, estudantes de jornalismo ou recém-formados.

Como transformar uma pauta mediana em uma bela reportagem?

O salão nobre do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, onde tantos eventos históricos já ocorreram, virou sala de aula naquele dia.

O que fazer com a manchete: "Menores roubam tênis de adolescente na porta de shopping"?

Começava naquele sábado, dia 5 de novembro de 2016, a primeira aula do Curso Livre de Jornalismo. Tive a ideia de criar esse curso como forma de continuar a dar aulas, depois de 29 anos como professor da PUC MG, instituição da qual fui demitido por falta de titularidade superior à graduação.

Como, muitas vezes, sobreviver ao editor medíocre e não perder a noção de que sua carreira é mais importante que o emprego do momento? Afinal, não importa onde você começa a trabalhar, mas, sim, onde termina...

A ideia era simples: oferecer aulas gratuitas aos jovens (ou futuros) profissionais, como complemento à formação acadêmica. Ou, ainda, como forma de ocupar uma lacuna cada vez mais comum nos cursos de jornalismo: a falta de aulas focadas no dia a dia da profissão, com base na experiência de mercado do professor e de convidados especiais. Sempre com o relato de experiências da rotina do repórter ou do editor.

E então: os trabalhadores pedem reajuste ou reivindicam aumento? Os estudantes ocupam as escolas ou invadem o patrimônio público? O ministro admite a alta da inflação ou avalia que tudo volta ao normal em alguns meses? O "menor" que rouba o tênis não deveria ser tratado como um jovem em risco pessoal e social?

Como base em minha experiência de três décadas como repórter, pauteiro, colunista, comentarista e editor de economia e política em alguns jornais de BH e Brasília, eu sabia que "ainda tinha" o que compartilhar com esses jovens que chegam ao mercado. Dividir com eles esse conhecimento acumulado e essa prática trazidos do dia a dia do jornalismo, tão fundamental à formação, era imprescindível para mim.

Jornalismo, poder e sedução. Tudo isso junto e misturado pode ser explosivo. Por isso, vale o conselho: procure almoçar com sua fonte, mas evite jantar com ela...

Quando levei a ideia de criação do Curso Livre de Jornalismo a Kerison Lopes, presidente do Sindicato, ele topou no ato e passou a dar o suporte necessário.

foto Fernando Barbosa e Silva

Alunos da segunda turma do Curso Livre de Jornalismo, com o professor João Carlos e a vice-presidenta do Sindicato, Alessandra Mello, no centro

E, tão logo a proposta foi divulgada no site da entidade, a notícia bombou nas redes sociais. Fiquei impressionado com a velocidade de circulação da informação... Eram ex-alunos dizendo que queriam "voltar" à sala de aula; eram profissionais consagrados apoiando a inciativa; e eram muitos os interessados no curso.

Em apenas uma semana, tivermos quase 300 inscrições. Não queria dar "aulão" ou palestras, consciente da minha expertise como professor: dar aula num clima de bate-papo, contando casos marcantes que não são contados por acaso. Por isso, abrimos cinco turmas, com média de 75 inscritos em cada.

Vidas esquecidas no IML. Quatro corpos que foram identificados, mas não reclamados. Ou seja, os parentes sabiam que eles estavam lá no IML, mas ninguém queria ir buscar ou dar enterro digno. Quem são esses personagens, excluídos não só na vida, mas também na morte? A pauta, criada por quatro alunos da época (Christiano Borges, Fabrício Santos, Laura Godoy, Valéria Mendes) virou proposta de TCC. Eu, que nunca fora muito de orientar tais projetos, topei no ato. E eis que a apuração foi virando texto, que foi virando história, que se transformou em livro-reportagem. Ganhou título: "Não reclamados: vidas esquecidas no IML". Meses mais tarde, a obra ganhava prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, da revista "Imprensa", de São Paulo, na categoria reportagem universitária. O livro ganhou prefácio do Caco Barcelos e ganhou o mundo pela PUC Editora. E os quatro autores? Ah, eles viraram notícia na imprensa e entraram com o pé direito na profissão.

Para mim, era mais uma comprovação da sinergia implacável da bela pauta com o tesão na apuração, a qualidade na redação e muita competência na edição. Simples, assim...

Em 2017, vamos consolidar ainda mais essa proposta, tão bem recebida por todos. As aulas serão sempre temáticas, com foco nos desafios da reportagem e na análise crítica da cobertura da mídia brasileira.

O bom jornalismo pode ser fruto de ações simples, mas o repórter precisa ser que nem goleiro em final de campeonato diante do pênalti – tem que ser bom e ter sorte...

Pois bem, eu imaginava que o curso iria "pegar", pela quantidade de ex-alunos que tenho pelo mercado afora e que poderiam ajudar na divulgação. Mas confesso que o interesse foi muito maior do que se esperava. Vários professores (alguns que eu nem conheço) indicaram o curso aos seus alunos. Outros "botaram fogo" via Facebook ("Corre que as vagas são limitadas!"). Pois não é que deu certo? Entre os inscritos, estudantes de praticamente todas as faculdades de BH. Além de alunos de escolas de outras cidades, como Viçosa, Ouro Preto, São João del-Rei, Pará de Minas etc.

Greve na fábrica. Em poucos dias, ela foi ocupada pelos líderes do movimento. Lá dentro, o grupo ameaça parar o alto forno. Lá de fora, vem o corte de energia, de alimentos e de negociação. Cenas de amotinados encapuzados e com barras de ferro na mão rodam o mundo. A imprensa internacional chega ao Barreiro, em BH. Nossa equipe, da editoria de Economia do Hoje em Dia, está na porta, 24 horas por dia. De repente, surge o convite clandestino, para uma das repórteres da equipe da qual eu era o editor: se ela quisesse entrar escondida na fábrica, eles davam um jeito. Cabe a mim a decisão. Converso com a turma. Uns acham que não podemos perder a chance histórica. O mundo queria saber como estava tudo lá dentro. Outros consideram óbvio o risco para uma jovem repórter. Sabia que minha equipe tinha credibilidade com os grevistas – daí o convite. Resolvo contemporizar: eles convidariam um repórter (homem) para entrar, ao invés da moça? Mandamos a pergunta. Vem a resposta: não. Vem então a certeza: desisto do furo.

As aulas são gratuitas. Professor e convidados nada recebem. Vou chamar isso de "escola 100%". Ela é 100% livre de obrigações – chamadas, provas, notas e diploma. Por isso, nela, todos têm 100% – de interesse, de vontade de aprender e de compartilhar. E 100% de liberdade para ir embora, se achar que não vale a pena perder tempo ali.

E por que o Curso Livre está atraindo tanto o interesse da galera? Lógico que o nome do professor e a expectativa de aulas de qualidade têm grande peso. Mas há algo muito interessante aí nessa opção espontânea e extramuros de educação informal. Algo que tem tudo a ver com o tema de capa desta edição da revista Pauta – Jornalistas ocupam o jornalismo.

Olhando nos olhos brilhantes daquelas dezenas de jovens que iam passando pelo Curso Livre, não tive dúvidas: estávamos, de alguma forma, ocupando a sala de aula.

Não a sala da escola, mas a da vida de cada um de nós, que temos a pretensão de sermos agentes transformadores das nossas próprias histórias.

CONTRA O CASSETETE, JORNALISMO

CAIO SANTOS

A polícia faz barulho, quem não escuta é porque não quer. Quando se é espancado com cassetetes, atingido por balas de borracha, além de levado em viaturas, se ouve de longe os golpes, os tiros e os gritos. Mas, esse barulho da PM é sempre ensurdecedor. São sons que buscam silenciar outros, que tentam calar as vozes das ruas, abafar na força às reivindicações e protestos. Diante de uma polícia cada vez mais truculenta, o trabalho do midiativista é essencial. O jornalismo dedicado a cobrir atos políticos também faz barulho, mas de forma a anular a mudez decorrente da repressão e fazer com que os gritos, sejam de protesto, sejam de horror, ecoem e repercutam.

O jornalista tem que ver e fazer com que outros também vejam. A PM não se incomoda em ser vista agredindo e avançando contra menores e mulheres desarmadas. Ela faz isso em plena luz do dia, no centro de Belo Horizonte, confiante que suas testemunhas permanecerão caladas. Porém, o jornalista não é uma testemunha qualquer. Ele não olha para o outro lado e, usando da câmera, da voz ou das palavras, faz com que outros também não desviem o olhar. E isso sim, incomoda a PM.

Na manhã de quinta-feira, 24/11, eu fui agredido e preso por os incomodar. Talvez porque minhas imagens identificam os responsáveis pela repressão arbitrária de uma manifestação estudantil, eu fui "marcado". Apreenderam meus equipamentos que acabavam de registrar o segundo ataque brutal a universitários e secundaristas em menos de uma semana. Agredindo meus direitos, retiraram do meu bolso meu celular e do meu pescoço minha câmera.

Atrás, uma estudante que participava da manifestação filmava a distância. A jovem foi derrubada no chão e tomaram à força seu celular. Sem nada para gravar a cena, gritei para que a população a gravasse por mim. Nesse momento, recebi um guicho de spray de pimenta na cara. Caí no chão, tomado pela dor ardente nos olhos. Cego, ainda podia ouvir os gritos de desespero da menina. Eu e ela ficamos presos no camburão para depois sermos levados a delegacia de flagrantes, onde fui encarcerado até ser liberado por um advogado da Comissão de DH da OAB.

Quando gravei um PM dando uma cassetada numa menina com quase metade de sua altura, para evitar que virasse notícia, aprenderam minhas câmeras. Quando usei minha voz para que quem passava filmasse o que ocorria, me calaram com spray de pimenta. Sem voz para gritar, mas ainda podendo falar, me trancafiaram na viatura para que minhas palavras não repercutissem. Mesmo assim, aqui estou novamente, ainda os denunciando.

Nos jornais, é curioso como a PM tenta justificar sua violência. A agressão nunca parte da polícia, sempre do manifestante. Quando este é midiativista, ele é acusado de filmar "de forma agressiva", nas palavras de assessor de imprensa da PM, capitão Flávio Santiago, em entrevista ao jornal O Tempo. Não sei o que pensar desta descrição, mas talvez, ele esteja certo. É hora de ver se a caneta é mais forte que o cassetete.

CAIO SANTOS é estudante de Jornalismo, fotógrafo, integrante do Jornalistas Livres.

DA NOTÍCIA AO BATUQUE

LUCAS BUZATTI

"A revolução não será televisionada", cravou Gil Scott-Heron, em 1970. Décadas depois, a premissa do poeta e rimador norte-americano continua válida, mas com certas readequações. De fato, as revoluções, sejam elas em qualquer escala, dificilmente serão transmitidas pela imprensa televisiva de massa. Isso não quer dizer, porém, que deixarão de ser registradas e levadas ao grande público. Afinal, um número cada vez maior de repórteres, fotógrafos e videomakers documenta e joga na rede os mais diversos clamores das ruas.

Em Belo Horizonte, isso pode ser percebido pela massiva cobertura do carnaval de rua, pequena-grande revolução lúdica que transformou a cidade nos últimos anos, trazendo para a festa a contestação política e a ocupação do espaço público. No caso da folia em BH, outro fato também chama atenção: para além da labuta, jornalistas são presença comum entre batuqueiros e foliões. São muitos os trabalhadores da notícia que se descobriram entusiastas do carnaval de rua e hoje ajudam a construí-lo, dentro e fora das baterias. É o caso deste que vos fala e de tantos outros colegas escribas.

Como Zuzileison Oliveira Moreira, jornalista que criou, inclusive, um bloco em homenagem à categoria: o Bloco do Pescoção, que sai às ruas de BH desde 2015. "A ideia surgiu na mesa do bar do Orlando, um dos locais mais frequentados pelos jornalistas de BH. Com essa revitalização do carnaval de rua, sempre pensava em formar um bloco ao estilo do tradicional Me Imprensa Que Eu Gamo, do Rio de Janeiro. Então, conversando com o Kerison Lopes, presidente do SJPMG, topamos o desafio e o Sindicato nos apoia desde o primeiro desfile", conta. "O nome se refere à prática comum nas redações de trabalhar durante a noite e a madrugada para antecipar material de fim de semana", completa.

Zuzileison defende que os jornalistas sempre gostaram da folia, mas que, até pouco tempo, pairava sobre as redações a unanimidade míope de que BH não tinha tradição de carnaval. "Quando trabalhava em jornal, colegas editores ficavam espantados com afirmações de que temos sambas e sambistas de primeira grandeza", relembra. "Quando se falava em carnaval, em Minas Gerais o destaque era dado ao circuito das cidades históricas, como Diamantina, Ouro Preto e Mariana. E das micaretas do interior, depois da explosão do axé na Bahia, como no caso de Pompéu", sublinha, levantando outra importante questão. "O curioso nesse processo é que a imprensa que hoje dá visibilidade à folia de BH é a mesma que no passado ajudou a criminalizar o samba e os sambistas".

Na análise de Kerison Lopes, um dos grandes atrativos para os escribas foi o componente político que o carnaval de BH ganhou desde 2009. "As transformações políticas e sociais da cidade são mãe e pai do carnaval de BH. Ele nasceu como consequência de uma organização horizontal dos movimentos. Há alguns anos, vimos nascer uma política popular de ocupação dos espaços públicos, como no caso da Praia da Estação", pontua. "Foi uma ocupação cultural e política que se transformou em festa. Alguns, equivocadamente, atribuem o renascimento do nosso

carnaval à iniciativa do poder público, mas foi exatamente o contrário. Ele renasceu como fruto do questionamento e da contraposição ao poder constituído", assinala.

O presidente do SJPMG fala com propriedade. Não só por representar a categoria em Minas Gerais, mas por botar na rua o Volta, Belchior, outro bloco cuja participação de jornalistas é massiva. "No início, a ideia era organizar um festival com bandas tocando músicas do artista cearense na Casa do Jornalista. Mas, como tudo em BH ultimamente se transforma em bloco de Carnaval, o Volta, Belchior teve o mesmo destino", brinca. "Moro no Santa Tereza, onde moram muitos colegas de profissão, e todos os ensaios, desde o lançamento do bloco, há um ano, aconteceram no bairro. Então, os escribas abraçaram a ideia e foram se juntando", conta.

Kerison ressalta que, com o reflorescimento do carnaval de rua em BH, muitos jornalistas que antes viajavam nessa época (quando não estavam de plantão, é claro) hoje preferem ficar na cidade. "Da forma que o carnaval de BH foi recriado, espontâneo, livre e horizontal, acho que ficou a cara da nossa turma", afirma, lembrando que os jornalistas também buscam na festa um respiro para a realidade cada vez mais conturbada da profissão. Zuzileison concorda: "O cenário realmente não é favorável e a tendência, se não houver mobilização e organização da categoria, é de cada vez mais precarização das condições de trabalho. Mas a alma do jornalista é boêmia. Temos uma vocação para festas, encontros e confraternização para amenizar um pouco a rotina estressante da profissão", defende.

Bárbara Ferreira sabe disso. Já fazem alguns bons anos que a jornalista não perde a chance de transitar entre os blocos carnavalescos de BH, seja a trabalho ou, de preferência, a lazer. "O que me levou a gostar do carnaval e a me envolver com ele foi uma ânsia de tentar entender e conhecer a cidade de outra forma. O fato de ser jornalista tem a ver com isso, ainda que indiretamente, já que trabalhei muitos anos cobrindo cidades. O carnaval me trouxe vários outros pontos de vista, que, inclusive, consegui levar para o meu trabalho", conta. "Essa participação dos jornalistas tem vários motivos. O simples contato com a festa é transformador. Percebi a movimentação de vários colegas que, por cobrirem o carnaval, começaram a se interessar e a gostar da festa. Vi o carnaval mudar o entendimento da cidade e criar novas conexões para muitas pessoas", diz.

Entre os blocos favoritos de Bárbara, estão Mamá na Vaca, Tico Tico Serra Copo, Filhos de Tcha Tcha, Unidos do Queimalargada e O Pior Bloco do Mundo. O último, criado pelo amigo e colega de profissão Felipe Canêdo, que reitera a importância da veia política da festa de Baco. "A ideia de ocupar o asfalto de uma cidade onde se dizia não haver carnaval é, em si, política. Ainda mais onde historicamente a ocupação do espaço público não é favorecida, onde a especulação imobiliária impera, onde sempre se favoreceu grupos privados em detrimento das populações mais pobres", afirma, lembrando que várias manifestações progressistas ecoaram nas ruas durante a folia, da oposição ao governo ilegítimo de Temer à luta contra o machismo, o racismo e a homofobia. "Quando entendemos a força política da festa, devemos, mesmo, usar esse espaço para contestar, militar e debater. No carnaval, nossos gritos podem chegar a outros lugares, para além das 'bolhas'", finaliza Bárbara.

LUCAS BUZATTI é jornalista, batuqueiro e entusiasta do carnaval de rua de BH.

EXPERIÊNCIA EMPREENDEDORA E RESULTADO ANIMADOR

MARCELO MACHADO

Atingir dez mil seguidores em uma *fanpage* em cinco meses, partindo do zero e sem investimento substancial, pode não ser um fenômeno de audiência, mas é um sinal bem claro de que o trabalho está sendo feito corretamente. Este é o case do Viva Pampulha, um blog metido a portal também presente nas principais mídias sociais.

Na base do conteúdo e apostando no engajamento do público, o Viva Pampulha é um projeto piloto de algo pretensamente maior, voltado para o jornalismo ultralocal e que envolve outros "Vivas" por nossa BH.

O tráfego do Viva Pampulha, ou seja, o número de cliques e acessos diários, era crescente até dezembro passado, quando recebi um convite para assumir uma gerência de comunicação na Prefeitura de Belo Horizonte.

Por razões éticas, afastei-me editorialmente do site ao aceitar o novo desafio. Ainda sem um sucessor, o projeto segue no ar graças ao conteúdo gerado pela equipe de colunistas e ao trabalho regular nas mídias sociais. À espera de parcerias ou, quem sabe, de um investidor-anjo, por que não?

Não tenho dúvidas de que o resultado foi e é animador, considerando que o mercado prontamente reconheceu o produto. Convites para eventos tornaram-se frequentes. Houve até sondagens de agências de São Paulo e BH. Esse seria o passo seguinte: monetização. O desafio comercial já parecia menor quando precisei me afastar e voltei o meu foco para o novo cargo na PBH.

Embora não devidamente consolidada, essa experiência empreendedora, de toda forma, serviu para o meu crescimento profissional. A começar pelo fim da visão míope de quem até então vivera a realidade de funcionário em redações de grandes portais, jornais e TVs.

Os empregos sumiram. Os principais periódicos do Brasil estão com redações enxutas e funcionam de forma capenga, com tiragens cada vez menores. Demissões seguidas de calotes estão virando uma triste modinha, por aqui entre as montanhas, na Bahia e em outras plagas.

O fim do impresso como modelo já é fato. Como lembrou o jornalista Ethevaldo Siqueira ao Roda-Viva, da TV Cultura (SP), Nova Iorque viu o número de grandes periódicos cair de dez para apenas dois nos últimos anos. E o NY Times, acreditem, deixará de circular na versão impressa a partir de 2020.

Em meio a este cenário de crise, revoluções e quebras paradigmáticas, não é cômodo ser o último a sair e apagar a luz. A não ser que você seja uma das pessoas na sala de jantar, ocupadas em nascer e morrer.

Vai sobreviver quem ousar, quem se propuser ao diferente, quem sair da zona de conforto e agir. O jornalista, hoje, tem a condição de ser um veículo de comunicação. A internet é um canhão.

Claro, não é fácil ser notado, chegar a 1000 cliques por dia e ser aceito pelo mercado e pelas agências. Não é fácil virar referência. Mas, o que é fácil nesta vida?

Somos profissionais de conteúdo. Como vender? Como monetizar? Este é o grande desafio.

Tem uma ideia na gaveta? Tire-a! Planeje-se! Prepare-se! Execute-a!

Sim, falar é fácil e fazer, não. Mas, e daí? Vai desistir sem tentar?

Boa sorte!

MARCELO MACHADO é editor do portal de notícias Viva Pampulha. Tem mais de 20 anos de jornalismo. Passou por Lance!, Globoesporte.com, Rede Minas, A Tarde (BA) e Hoje em Dia.

O SOM DO SILÊNCIO

NATÁLIA MARTINO
E LEO DRUMOND

Acontece atrás das grades, fica atrás das grades. O justo e o injusto do nosso sistema penitenciário costuma estar protegido pelo sigilo dos muros prisionais. Vez ou outra, os segredos mais sórdidos estouram nas manchetes em forma de escândalos. Outras vezes, mais raras, aparecem como histórias edificantes daqueles que foram "reeducados". Mas enfim, quem são, o que pensam, o que desejam, o que sentem os mais de 600 mil homens e mulheres privados de liberdade no país? A Estrela surgiu para que eles possam responder a essa perguntas.

Parte do Projeto VOZ, um conjunto de iniciativas nas áreas da educação e comunicação em unidades prisionais, a revista é um canal de expressão dos detentos. Eles recebem aulas sobre técnicas e conceitos do jornalismo, da fotografia e do vídeo, práticas monitoradas, discussão de pautas e, a partir daí, produzem todo o conteúdo da publicação. Depois de algum tempo trabalhando nos bastidores, conseguimos transformar A Estrela numa publicação periódica. A edição piloto circulou em dezembro de 2014 e o primeiro número somente em setembro de 2016, quando fomos contemplados no edital Rumos Itaú Cultural. Desde então, o projeto se fortaleceu. A segunda edição da revista foi realizada em uma unidade feminina e jogou luz sobre as peculiaridades de gênero no universo da privação de liberdade.

A terceira, a ser lançada em breve, foi a primeira realizada no Sistema Prisional comum – até então, o trabalho era realizado em unidades modelo administradas pela sociedade civil (APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado) que contam com regras de segurança bem menos rígidas enquanto a disciplina é muito mais firme. Outra novidade da revista que está por vir foi que os participantes foram detentos de uma ala LGBT e expuseram uma serie de detalhes da sua situação atrás das grades. Ainda esse ano será produzida a quarta A Estrela e o material de todas essas edições será transformado em uma grande exposição que deve começar a circular no segundo semestre.

Leo e Natália, no centro, com o pessoal da revista A Estrela

Quando pessoas privadas de liberdade escrevem, fotografam, se expressam, surge uma vida que vai além do crime. Sim, aquelas pessoas são maiores e mais complexas do que qualquer crime que possam ter cometido. São pais, são mães, são filhos, são irmãos. Elas têm relacionamentos, sonhos, planos, medos, arrependimentos – como qualquer outra pessoa. A Estrela permite que pessoas falem de tudo isso. Em um ambiente onde é proibido se expressar, já que até suas cartas mais pessoais são censuradas, a revista se pretende um canal de diálogo entre eles e o mundo de fora.

Em algumas edições, pessoas sentenciadas a privação de liberdade foram autorizadas a sair da unidade prisional com câmeras nos pescoços. Foram vistos parados na rodovia fotografando e se emocionaram por serem cumprimentados pelos motoristas da rodovia, que não sabiam ser eles presos e conseguiam, assim, enxergar sua humanidade. São pessoas que voltaram a sonhar ou a temer porque sentiram um cheiro do qual não se lembravam mais. E contando essas histórias, os participantes da revista A Estrela desafiam os estereótipos e jogam luz sobre os desafios e as contradições do Sistema Carcerário.

LEO DRUMOND é fotografo documentarista, professor e um dos sócios da Nitro, coletivo de produção de imagens de BH. É formado em Design Gráfico pela UEMG e tem pós-graduação em Cinema Documentário pela UNA. Ganhou o Prêmio Jabuti de melhor livro de fotografia com Os Chicos.

NATÁLIA MARTINO é jornalista freelancer e assessora de comunicação. Atuou em veículos tradicionais, como a revista Istoé, e em publicações especializadas em direito, como a antiga Revista Fórum Cesa. Atualmente é também mestranda do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), ligado à UFMG.

AS JORNALISTAS E AS REFORMAS

Machista desde a primeira hora, formado por homens velhos e ricos, gozando de polpudas aposentadorias precoces e outros privilégios, o governo golpista reservou para as mulheres as piores maldades. E a profissão de jornalista, ocupada majoritaria e crescentemente por mulheres, sofrerá especialmente, caso sejam implantadas as reformas trabalhista e da Previdência.

"Só um governo golpista, que não foi eleito pelo voto, seria capaz propor essas reformas contra a vontade da população", avalia a vice-presidenta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Alessandra Mello. "Só um governo machista, que não tem uma mulher no ministério, seria capaz de tamanha perversidade contra as mulheres", completa.

A reforma da Previdência proposta pelo governo equipara mulheres a homens, fato nunca ousado por um governo antes, e ainda debocha alegando que isto seria um avanço na igualdade de gêneros. Ignora o que os legisladores brasileiros perceberam há muito tempo: por ter jornada de trabalho dupla, a mulher merece aposentar mais cedo do que o homem. Trata-se do reconhecimento da sociedade ao seu trabalho initerrupto, sucessivo, cumulativo: profissional e doméstico, cuidando também da casa, de filhos, de doentes, de idosos.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

O estudo "As mulheres na mira da reforma da Previdência", produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), afirma que se a estratégia de uniformização da aposentadoria para todos os trabalhadores for aprovada, as mulheres serão muito penalizadas. Elas teriam de atender aos mesmos critérios fixados para os homens e passariam a ter direito de acesso à aposentadoria somente aos 65 anos, desde que completassem 25 anos de contribuição pelo menos.

"Ou seja, as mulheres seriam afetadas tanto pela elevação da idade mínima quanto pelo aumento do tempo mínimo de contribuição, e, mais ainda, pela combinação desses dois novos requisitos. Além disso, o requisito de idade mínima valeria independentemente do fato de as mulheres trabalharem na área urbana ou rural, no serviço público ou na iniciativa privada, na educação básica ou nas demais ocupações", informa o estudo.

Segundo a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2012, as mulheres são 64% das redações. Elas recebem salários menores que os homens e ocupam menos postos de comando. Se a reforma da

foto *Alessandro Carvalho*

Previdência for aprovada, elas também trabalharão mais e aposentarão mais tarde. "O golpe tem um cunho misógino, machista", enfatiza Alessandra.

No seu caso específico, pelas contas da calculadora divulgada pelo Dieese, Alessandra poderia aposentar, por idade, aos 60 anos recebendo 93% do salário de contribuição, pelas regras atuais. Pelas novas regras, receberia apenas 70%. Para receber o valor integral da aposentadoria, teria de trabalhar até 71 anos. "Vai ser bem difícil para uma jornalista aposentar com o valor integral", avalia.

As reformas são péssimas tanto para homens quanto para mulheres, mas as mulheres são mais atingidas pelas mudanças que igualam tempo de contribuição e idade para aposentar, diz a jornalista Marlyana Tavares. "As mulheres sofrem interrupções no trabalho, para criar filhos, e param de contribuir", explica.

"O governo mente ao dizer que combate privilégios. Os professores não são privilegiados", denuncia Beatriz Cerqueira, presidente do Sind-UTE e da CUT MG, referindo-se a outra categoria profissional em que as mulheres são ampla maioria. "Não reivindicamos que os professores saiam da reforma da Previdência, somos contra a sua aprovação", enfatiza.

Como boa professora, Beatriz ensina que o direito dos professores é reconhecido no Brasil desde 1821. "Nem a ditadura teve coragem de retirar direitos dos professores, por reconhecer o desgaste da profissão", lembra. Ela informa que 80% do professorado são mulheres. "Além das salas de aula, assumimos tarefas não remuneradas que deveriam ser tarefas do Estado. Cuidamos das crianças, dos idosos, dos doentes, dos deficientes, vamos para as filas", ressalta.

foto Alessandro Carvalho

Valéria Morato, diretora do Sindicato dos Professores de Minas Gerais (Sinpro Minas), que representa 80 mil professores, tem o mesmo ponto de vista. "A professora, além das aulas e das atividades extra classe, acumula atividades domésticas, cuidados com a casa e os filhos", afirma. "Igualar as aposentadorias é uma das medidas mais cruéis que esse golpe machista e conservador poderia tomar contra as mulheres", ataca Valéria. "Infelizmente, é uma medida coerente com um presidente que afirma que o lugar da mulher é no lar."

Ela cita outro ataque direito às mulheres: a proibição de acumulação de aposentadoria e pensão. "Isto é uma aberração que atinge principalmente as mulheres pobres", denuncia.

A auditora fiscal de tributos municipais Eulália Alvarenga confirma que a proibição é uma violência contra os mais necessitados. "A reforma da Previdência é péssima para as mulheres. A idade para aposentadoria vai aumentar, a pensão por morte vai ser reduzida, inclusive para quem ganha só um salário mínimo", critica.

Eulália chama atenção para a perda de direitos da mulher rural, que também será obrigada a contribuir. "Como as famílias não podem pagar duas contribuições, a escolha recairá sobre os homens e as mulheres ficarão sem aposentadoria", analisa.

A auditora informa que 64,5% das mulheres que se aposentaram em 2014 o fizeram por idade. "Com o aumento da idade, muitas desistirão de contri-

buir, porque não vão se aposentar", prevê. "O Estado existe para garantir boa qualidade de vida à população. É papel do Estado cuidar da aposentadoria. Se não for assim, para que o Estado?", argumenta Eulália.

Ela acredita que a classe média irá para a Previdência privada, mas lembra que bancos só administram os fundos de Previdência, não são responsáveis por eles. "O que aconteceu nos Estados Unidos em 2008? Os fundos quebraram e as pessoas ficaram sem aposentadoria", destaca.

REFORMA TRABALHISTA

A renda média das mulheres é um terço menor do que a dos homens e a taxa de desemprego entre as mulheres é maior do que entre os homens, informa a auditora Eulália Alvarenga. "As primeiras pessoas a serem demitidas na crise são as mulheres, que vão para casa cuidar de tarefas não remuneradas e diminuem as demandas do Estado", observa. Ela ataca a reforma trabalhista. "Até atividades insalubres para grávidas serão possíveis", denuncia.

As mulheres são majoritárias no jornalismo porque os salários nunca foram muito altos, diz Alessandra Mello. "Com as mudanças na legislação trabalhista os salários vão ficar ainda menores", prevê. Ela lembra que a mídia, especialmente os impressos, já estava em crise antes da crise econômica. "As consequências da crise econômica para os jornalistas foram terríveis, o piso salarial virou teto. Para complementar renda, muitos profissionais estão exercendo duas atividades, de jornalista e professor. O cenário não é animador, o jornalismo pode até se transformar numa segunda profissão."

Alessandra não tem dúvida dos prejuízos das mudanças na CLT para os trabalhadores. "Em cada mudança que analisamos está clara a retirada de direitos", informa. "A reforma trabalhista vai fragilizar ainda mais os trabalhadores diante dos patrões. Já é difícil colocar a CLT em prática, e com os sindicatos enfraquecidos ficará ainda mais. Os sindicatos estão sendo minados economicamente", denuncia a jornalista, citando a mudança que prevê que o negociado passa a prevalecer sobre o legislado. "Estão criando formas para que os interesses das empresas prevaleçam. O patrão tem muito mais poder do que o empregado", explica.

A jornalista Júlia Boynard é um exemplo das transformações no jornalismo e da precarização do trabalho. Formada há um ano e meio, ela está desempregada. No entanto, enquanto era estudante, teve oportunidades em algumas das melhores redações de Belo Horizonte: fez estágios de um e meio na revista Veja BH e de dois anos e meio no jornal Estado de Minas, nas redações do impresso e do portal. Viu chefes e colegas experientes sendo demitidos, a revista fechar e o jornal fundir redações. "A situação é meio desesperadora", diz a jovem repórter. "Não vejo muita perspectiva."

A reforma trabalhista provoca espanto dos auditores fiscais do trabalho. "O Brasil ocupa o quarto lugar mundial em acidentes de trabalho. Deveríamos estar tentando aumentar a proteção ao trabalho, em vez disso a reforma trabalhista visa a tirar direitos mínimos do trabalhador", denuncia a auditora Odete Reis. "O adoecimento no trabalho no Brasil é enorme", enfatiza.

Ela informa que o número de auditores do trabalho no Brasil é muito menor do que o preconizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e menor mesmo do que o previsto na legislação brasileira.

A OIT prevê um auditor para 10 mil trabalhadores da população economicamente ativa. O Brasil, no entanto, possui um para 40 mil, segundo Odete. "E a tendência é diminuir, com aposentadorias e não realização de concursos", diz.

A terceirização é outro ponto que preocupa os auditores. Pesquisa do Dieese e da CUT mostra que a precarização do trabalho está associada à terceirização. "Os trabalhadores terceirizados permanecem menos tempo no emprego, 2,6 anos, enquanto os contratados diretamente ficam 5,8 anos", informa Odete. "Em cada cinco acidentes no trabalho, quatro acontecem com terceirizados. Sete dos nove operários que morreram nas obras da Copa eram terceirizados."

RESISTÊNCIA AO GOLPE MACHISTA

O caráter machista do golpe foi confirmado quando a fotografia do ministério Temer correu o mundo, mas já era conhecido bem antes. A foto mostrou um grupo de anciões vestidos de preto, carrancudos, investigados por corrupção e outros crimes, velhos inimigos dos movimentos populares e sindicatos. Chamou especialmente atenção o fato de não haver entre eles uma mulher sequer.

Os reacionários que tinham derrubado com um golpe parlamentar a primeira presidenta da história do Brasil, eleita e reeleita pela maioria da população, mostravam claramente que as mulheres não teriam vez na nova ordem política. Todas as calúnias, difamações e injúrias que durante anos atacaram a imagem da presidenta eram enfim vitoriosas. A nova velha ordem, anunciou o semanário porta-voz do golpe, estava reservada a mulheres belas, recatadas e do lar.

É evidente que se trata de um retrocesso histórico. Nas lutas sociais e sindicais, as mulheres são cada vez mais protagonistas. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) é presidida atualmente por uma mulher. O Sindicato dos Jornalistas, que tem Alessandra Mello como candidata a presidenta na próxima eleição, teve antes duas mulheres na presidência: Eneida Costa (2011-2014) e Dinorah do Carmo (1999-2002). A chapa única Luta, Jornalista! tem 11 mulheres.

Alessandra Mello, Alessandra Mendes, Vilma Tomaz, Priscila Piotto, Camila Riani, Isabella Souto, Solange Barros, Brenda Marques, Andrea Castello Branco, Joana Tavares e Lina Rocha não se enquadram no perfil desenhado pelos golpistas. Assim como não se enquadram Beatriz Cerqueira, Valéria Morato, Eulália Alvarenga, Odete Reis, Marlyana Tavares e Júlia Boynard.

Não que não sejam recatadas, do lar ou belas, ao contrário, mas esses predicados são muito limitados para defini-las. Mulheres do século XXI, elas cuidam do lar, mas também trabalham fora; cuidam da beleza, mas não são dondocas; estão longe de ser as sombras dos seus maridos, têm opinião, vida e luz próprias.

Mais apropriado seria defini-las como guerreiras – adjetivo que o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Kerison Lopes, usou ao elogiar a artista plástica Yara Tupynambá, que recentemente restaurou seu painel "A Imprensa", na Casa do Jornalista (veja matéria nesta edição). Yara pertence a outra geração de mulheres, assim como a presidenta Dilma Rousseff. Nos anos 60, quando Dilma, jovem estudante, se insurgia contra a ditadura, Yara protestava contra a guerra do Vietnã. Desde então, há meio século pelo menos, as mulheres não podem ser enquadradas

nos limites que o presidente ilegítimo e seus comparsas tentam lhes impor.

Na contramão das transformações pelas quais passa o mundo, o governo ilegítimo golpeia o protagonismo feminino. Está fadado a fracassar. Assim como a presidenta Dilma tornou-se símbolo da resistência democrática e hoje percorre o Brasil e o planeta denunciando parlamentares corruptos que afastaram uma presidenta honesta, as jornalistas resistem à investida machista contra os direitos das mulheres e dos trabalhadores.

Marlyana, que viveu toda sua minha vida profissional dentro de redações, tornou-se uma "empreendedora digital" ao ser demitida, há dois anos, e está gostando da experiência. "É dificílimo, mas também é desafiador. Estamos num momento de virada, ninguém sabe onde vai dar", conta. Ela confessa que se recebesse uma proposta de emprego iria balançar, mas não pelo fato de voltar a ser empregada. "É interessante demais trabalhar para mim mesma", diz.

Júlia busca alternativas na profissão fazendo cursos e experimentando novas opções, enquanto pega frilas. Ela conta que está mandando currículos, mas as empresas não estão contratando. "Quando contratam, o contrato é de três meses e depois mandam embora", diz. "Estou pensando no que fazer. Fiz cursos de redes sociais, marketing não é a minha praia, comunicação empresarial também não."

A missão de comandar o Sindicato num período tão difícil para o país e para a categoria caberá a uma mulher. Qual a sua motivação? "Quando entrei no Sindicato não imaginava que havia tantos problemas, tantos colegas penando. Minha motivação é o desejo de mais justiça, mais qualidade de vida, de ajudar a categoria, é o amor ao Jornalismo. Os jornalistas são tão importantes para a sociedade", diz Alessandra Mello.

Ela enfatiza a necessidade de os trabalhadores se mobilizarem contra a aprovação das reformas. "O jornalismo tem um papel importante de conscientizar a opinião pública, de mostrar o que são as reformas e a quem elas servem."

foto *Lydiane Ponciano*

A REFORMA DOS **RICOS**

A Anfip (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil) e o Dieese (Departamento Intersindical de Estatítica e Estudos Socioeconômicos) produziram um texto denominado "Previdência: reformar ou excluir?" que está sendo divulgado e discutido em sindicatos país afora. O documento, de 48 páginas, assinado por uma equipe de 49 colaboradores, consolidado e redigido pelo economista Eduardo Fagnani, é a melhor e mais detalhada análise do projeto de reforma da previdência enviado pelo governo golpista ao Congresso. Ele destrói com números, estatísticas e argumentos cristalinos a proposta do presidente ilegítimo. Mais do que isso: mostra que o Brasil precisa sim de uma reforma da previdência, mas com conteúdo inverso, que amplie radicalmente os direitos dos pobres. A reforma do governo é a reforma dos ricos.

Eduardo Fagnani é professor do Instituto de Economia da Unicamp, pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (Cesit) e coordenador da rede Plataforma Política Social. Seu texto escancara a fragilidade da argumentação golpista. Não só a premissa de que a previdência está quebrada é uma mentira, como as comparações que o governo faz são falsas, pois compara desiguais. A seguir alguns esclarecimentos feitos pelo documento.

A PREVIDÊNCIA ESTÁ QUEBRADA?

A previdência acumula déficits porque sucessivos governos vêm desviando recursos do Orçamento da Seguridade Social para pagamento de outras despesas. Além disso, desoneram grandes empresas do pagamento da contribuição previdenciária e não cobram dívidas gigantescas dos grandes devedores. Desse forma, optam claramente por beneficiar poucos ricos e prejudicar toda a população.

A Constituição de 1988 instituiu o Orçamento da Seguridade Social (OSS), um sistema de proteção social aos cidadãos, a exemplo do que existe nos países desenvolvidos. Este sistema é responsável pela saúde, pela assistência social, pelo seguro desemprego e pela previdência. Suas fontes de recursos são: constribuições previdenciárias pagas pelos empregados e pelas empresas; Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL); Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social (Cofins); contribuições para o PIS-Pasep; contribuições sobre jogos de loterias; receitas próprias de todos os órgãos envolvidos neste orçamento.

Ao apontar o suposto déficit da previdência (R$ 85 bilhões), o governo não considera os recursos da Cofins (R$ 202 bilhões), da CSLL (R$ 61 bilhões) e do PIS-Pasep (R$ 53 bilhões). Também não considera R$ 63 bilhões desviados do OSS pela Desvinculação de Receitas da União (DRU), medida aprovada pelo Congresso em dezembro para vigorar até 2023. E ainda desconsidera R$ 157 bilhões em desonerações e renúncias fiscais. Todo esse dinheiro desviado é usado para pagar juros bancários, os mais altos do mundo.

Na prática, o governo retira as receitas da seguridade social para dá-lo à minoria de riquíssimos e depois diz aos trabalhadores: "está faltando para a previdência, vamos ter de aumentar sua contribuição e adiar sua aposentadoria". Se os ricos têm esse governo para governar para eles, os trabalhadores precisam de um governo que afirme os direitos à aposentadoria aos 60 anos, com salário digno; o direito ao seguro-desemprego, à pensão e à proteção em caso de doença ou invalidez; o direito à saúde, possibilitado

foto LIDYANE PONCIANO

por um sistema público de qualidade. Direitos estes garantidos pela Constituição de 1988.

As propostas do governo golpista vão na direção oposta e prejudicarão ainda mais o OSS. A terceirização reduz a receita da previdência, assim como o desemprego e o trabalho informal. O corte drástico do número de fiscais inviabiliza a fiscalização. O aumento e a perpetuação da DRU geram novos déficits artificiais.

POBRES FINANCIAM APOSENTADORIAS DOS RICOS

O governo compara o Brasil a países desenvolvidos, mas apenas no que lhe convém – para justificar o aumento da idade para aposentadoria –, e esquece os benefícios que o Estado oferece às populações dos países europeus e que não oferecidos aqui. Basta pensar que o salário mínimo da Alemanha é de 2 mil dólares – R$ 6 mil.

A falácia colonialista de comparar o Brasil a outros países não é, porém, o argumento mais canalha. Para evidenciar como a reforma da previdência é a reforma dos ricos, devemos olhar para nosso próprio país e suas desigualdades. A lei da aposentadoria atingirá igualmente todos os brasileiros, mas os brasileiros não são iguais.

Os pobres morrem muito mais cedo do que os ricos. A expectativa de vida de um homem brasileiro é de 72 anos. Em Santa Catarina é de 78,4 anos; no Piauí é de 70,9 anos. Em 18 estados e 57% dos municípios, ela é inferior à media nacional. Um indivíduo que nasce em Cacimbas, na Paraíba, tem expectativa de viver 65,3 anos – terá 0,3 ano, quatro meses, para gozar a aposentadoria. Mesmo que comece a trabalhar aos 14 anos ou menos, como 78,2% dos trabalhadores rurais – ou 45,9% dos trabalhadores urbanos.

92,3% dos trabalhadores rurais e 76,9% dos trabalhadores urbanos entram no mercado de trabalho com 17 anos ou menos. Na Itália, a idade média de ingresso é de 26,2 anos; na França, 23 anos.

O Brasil é um país profundamente desigual. As diferenças aparecem em todos os indicadores sociais, contrapondo trabalhadores rurais a urbanos, trabalhadores do Nordeste a trabalhadores do Sul, ricos a pobres. A reforma da previdência do Temer é a reforma dos ricos, dos privilegiados, de corporações que não serão afetadas por ela, inclusive os próprios políticos, e dos empresários.

A seguinte comparação serve de resumo exemplar. Ela se refere a São Paulo, a maior cidade brasileira. A expectativa média de vida em São Paulo é de 77,8 anos. Média – não igual para todos. No luxuoso Alto dos Pinheiros, bairro de Michel Temer, José Serra e Aloísio Mercadante, com 40 mil habitantes, o tempo médio de vida é maior: 79,6 anos. Na Cidade Tiradentes, bairro popular da periferia, com 220 mil habitantes, o tempo de vida médio é de 53,8 anos. Na Cidade Tiradentes, ninguém vai se aposentar mais, talvez ninguém se aposente hoje. Quem trabalha, contribui com a previdência só para pagar as aposentadorias de quem mora no Alto dos Pinheiros...

QUATRO PODERES CONTRA OS TRABALHADORES

Em palestra durante o 14º Congresso Estadual de Jornalistas, realizado em abril de 2016, o advogado Luciano Marcos Silva, que assiste os jornalistas do Sindicato, denunciou a intransigência patronal nas negociações salariais do ano passado e previu que a onda conservadora colocaria os trabalhadores "de joelhos". Um ano depois ele constata que a previsão está se confirmando. "A pauta do governo golpista é a desregulamentação da legislação trabalhista e a mudança nas regras da Previdência", afirma.

Na campanha salarial de 2017, os representantes patronais apresentaram uma novidade já ensaiada em 2016. Não satisfeitos com a não reposição das perdas salariais, eles agora apresentam uma "pauta patronal". Querem mudar, reduzir e cortar direitos conquistados pelos jornalistas ano após ano, em alguns casos há décadas. Em sintonia com o governo golpista, os patrões da mídia, que muito colaboraram para o golpe parlamentar que destituiu a presidenta eleita pela maioria, avançam sobre os direitos dos trabalhadores.

Paralelamente, o governo federal impõe a terceirização e a reforma da Consolidação das Leis do Trabalho. No Congresso, vários projetos que contêm prejuízos aos trabalhadores estão em tramitação. Um exemplo é o PL 5479/2016, do deputado Rogério Peninha, do PMDB-SC, que quer retomar o controle do Estado sobre os sindicatos, como acontecia durante a ditadura. Pelo projeto, os sindicatos passariam a ser fiscalizados pelo Tribunal de Contas da União, embora a autonomia sindical seja garantida na Constituição de 1988.

DITADURA DO JUDICIÁRIO

A situação tornou-se ainda mais grave com a entrada em cena do STF. Algumas decisões recentes dos ministros Gilmar Mendes, Teori Zavascki e Luís Roberto Barroso têm efeitos profundos sobre os trabalhadores, com o agravante de que, contra o STF, não há a quem recorrer. Matérias que deveriam ser decididas pelo Congresso estão sendo judicializadas. "Com o governo, com o Congresso, é possível protestar, pressionar, negociar. Contra o Supremo, vai-se fazer o quê?", perguntou o advogado trabalhista. "A pior ditadura é a ditadura do Judiciário".

A decisão mais recente, que atinge todos os sindicatos, considerou inconstitucional a cobrança de contribuição assistencial a trabalhadores não sindicalizados. A contribuição é incluída

nas Convenções Coletivas de Trabalho, que beneficia todos os trabalhadores, sindicalizados ou não. Não é obrigatória: o trabalhador que manifestar oposição à taxa fica dispensado do pagamento. No começo de março, o STF decidiu que a cobrança da taxa é inconstitucional. A decisão foi dada em ação do Sindicato de Metalúrgicos de Curitiba, mas vale para todas as categorias profissionais e representa um golpe nas finanças dos sindicatos trabalhistas.

Luciano Silva cita outras decisões do STF. No dia 14 de outubro do ano passado, o ministro Gilmar Mendes, que é empresário da educação, decidiu, em liminar favorável à Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen), suspender a Súmula 277 do Tribunal Superior do Trabalho (TST), de 2012, que mantinha a vigência das Convenções Coletivas de Trabalho (CCT) até a assinatura de novas convenções.

De uma penada, o ministro do STF afetou todas as campanhas salariais em curso e fez o prato da Justiça pender descaradamente para os patrões, favorecendo a intransigência patronal e a procrastinação das negociações, pois se a Convenção não for assinada até a data-base, os direitos previstos na Convenção anterior já não valem mais. "A consequência é que o Sindicato tem que negociar para não perder conquistas", explicou o advogado. Este quadro já se verificou em 2016 com os jornalistas mineiros, especialmente os que trabalham em jornais e revistas.

STF x TST

Outras decisões do STF indicam que os ministros do Supremo não estão dispostos a defender direitos trabalhistas. O próprio Gilmar Mendes afirmou em entrevista sua posição favorável à prevalência do negociado sobre o legislado. Disse que o TST intervém exageradamente nas relações trabalhistas, que é preciso "modernizar" a legislação que ampara o trabalhador, estimular as negociações e fazer concessões.

Curioso é que a modernização, as concessões e as negociações implicam sempre em perdas para os trabalhadores. São os casos de duas outras decisões do STF. Na primeira, em 30 de abril de 2015, o STF validou acordo no qual trabalhadores do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) abriram mão de direitos previstos em lei. O acordo não tinha sido reconhecido pelo TST, que afirmou: "Direitos trabalhistas são indisponíveis e irrenunciáveis".

Manifestação na redação do semanário Brasil de Fato MG em setembro: resistência ao corte de direitos deve aumentar em 2017

O falecido ministro Teori Zavascki não pensava assim. Em decisão publicada no dia 13 de setembro de 2016, ele reformou outra decisão do TST, que havia anulado uma cláusula de acordo coletivo que excluía o pagamento das horas in itinere, isto é, horas de deslocamento entre a residência e o trabalho e vice-versa, consideradas como horas extras. Empresa e sindicato tinham negociado a troca desse pagamento por outros benefícios aos empregados. O TST, mais uma vez, entendeu que um acordo não pode prejudicar direitos dos trabalhadores, mas Zavascki derrubou a decisão do tribunal trabalhista.

MODERNIZAÇÃO OU RETROCESSO?

O "programa" do governo Temer, ironicamente denominado "Ponte para o futuro", propõe a prevalência do negociado sobre o legislado. Isto significa retroceder às relações de trabalho existentes no começo do século XX, ao período anterior à Revolução de 1930, quando não havia legislação para proteger os trabalhadores da ganância e força desproporcional do capital.

A maior ameaça às relações trabalhistas no país é a liberação geral da terceirização, que a Câmara aprovou o presidente ilegítimo Temer sancionou – simbolicamente, no dia 31 de março, aniversário da golpe de 1964. A lei nº 13.429 autoriza as empresas a contratar trabalhadores terceirizados para exercerem cargos na atividade fim, que são as principais funções da empresa.

Como todo trabalhador e todo sindicato sabem, por experiência, terceirização significa precarização. Inúmeros estudos confirmam que os trabalhadores de empresas terceirizadas trabalham mais, ganham menos e têm menos benefícios que os trabalhadores contratados diretamente. Além disso, a terceirização dificulta a organização dos trabalhadores, ao pulverizá-los em inúmeras empresas e sindicatos. "A terceirização é um golpe mortal nos sindicatos e nos direitos dos trabalhadores", define Luciano Silva.

INFORMAÇÃO, MÍDIA E CONTROLES

ALOÍSIO LOPES

A liberdade de expressão e o acesso a fontes alternativas de informação foram incluidas por Robert Dahl (criador do conceito de poliarquia, na década de 1950) no escopo das garantias institucionais para a ocorrência da democracia. Elas proporcionam o entendimento esclarecido dos cidadãos e possibilitam o controle dos governantes pelos governados. A mídia pode cumprir a função de fonte alternativa quando age de forma independente do governo, dos partidos políticos e dos grupos empresariais. Mas essa não é a realidade brasileira, onde há uma profunda vinculação das empresas de comunicação aos interesses do mercado financeiro. Nesse cenário, o desenvolvimento de canais alternativos para que os cidadãos possam obter informação e expressarem opiniões se torna um caminho necessário ao controle do Estado e dos políticos.

Junto a isso, a redução da assimetria informacional entre cidadãos e governantes exige uma série de regras e procedimentos para garantir o acesso à informação produzida e custodiada pelo Estado. É um direito previsto na Constituição Brasileira (inciso XXXIII do artigo 5º) e foi regulamentado pela Lei Federal 12.527/2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação (LAI). Em Minas, um dos momentos de mobilização em defesa da LAI aconteceu em 2002, na eleição para governador ocorrida naquele ano, quando essa demanda foi apresentada pelo SJPMG aos candidatos a governador do Estado, num evento público realizado pela Ordem dos Advogados do Brasil.

Tive oportunidade de pesquisar o uso da LAI, por vários públicos, no âmbito do executivo estadual de Minas Gerais, em seus primeiros quanto anos de vigência. O acesso ao Portal da Transparência (transparência ativa) teve expressiva evolução no período. Saltou de 361.450 acessos em 2013 para 1.217.486 acessos em 2016. Na transparência passiva (solicitação de informações não disponíveis na internet) o número saltou de 3.000 pedidos em 2013 para 6.196 pedidos em 2016, segundo dados disponibilizados pela Controladoria Geral do Estado. Embora sejam números expressivos, os benefícios da transparência podem ser encontrados além de seu uso. É que o próprio fato de existir a obrigatoriedade do governante prestar contas e desse estar sujeito a punições os deixa em situação vulnerável e constrangido a cometer abusos, pelos riscos que esse comportamento traz.

Não tenho dúvidas da importância da LAI para a transparência da ação estatal e para qualificar a atividade de apuração jornalística. No entanto, ainda há limitações, como negativas de acesso à informação, respostas parciais, frágil argumentação para sigilo ou a falta de clareza nas informações, vide caso dos critérios para reajuste de tarifas de ônibus.

Analisando uma amostra obtida via questionários respondidos por jornalistas mineiros, verifiquei que a maioria dos profissionais conhece mas ainda não usa a LAI no trabalho de apuração (Gráfico 1). Há situações em que o repórter prefere buscar a informação diretamente da assessoria de comunicação do órgão público, mas parece-me também óbvio que a razão está associada à diminuição de

ALOISIO LOPES é jornalista profissional, ex-presidente do SJPMG (2002 a 2007), mestre em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro.

foto ALISSON SILVA

pautas investigativas nas redações. A precisão das respostas é outro fator a se considerar na implementação da LAI (Gráfico 2).

ALÉM DA TRANSPARÊNCIA

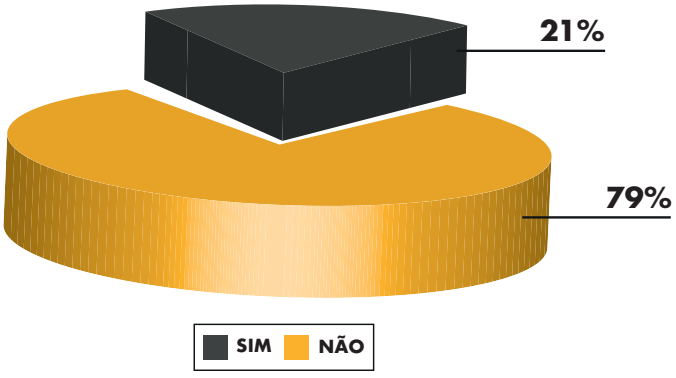
A efetividade da LAI para a responsabilização dos governantes dever ser analisada não apenas pelo grau de transparência do Estado mas também pela capacidade de sansão da sociedade. Esses dois pilares, segundo Adam Schedler, embasam o conceito de accountability. A sanção pode ocorrer de diversas formas, desde os controles clássicos, exercidos pelo Parlamento e Judiciário, passando pelo controle eleitoral e pelo controle público. No grau de responsabilização residem as limitações observadas no estudo, pois sabemos que o controle eleitoral, exercido por meio do voto, é insuficiente e que as agências horizontais (Parlamento, Justiça, Tribunais de Contas e Ministério Púbico) só são eficazes quando autônomas para promoverem a fiscalização e o equilíbrio dos poderes.

A título de exemplo, utilizei dois casos. O primeiro trata da disputa de informação, ocorrida entre os anos de 2011 e 2014, sobre a aplicação do piso salarial dos magistério estadual, e acerca dos gastos do executivo estadual em saúde e educação no período 2002 e 2014. Nos dois casos houve uso intenso de informações públicas, obtidas no Portal da Transparência do governo estadual, por parte do SindUTE e dos parlamentares da oposição. Elas foram usadas para mobilizar a opinião pública via mídias noticiosa e publicitária, que por sua vez acionaram as agências horizontais de controle como o Legislativo, o Ministério Público e o Tribunal de Contas do Estado. A disputa influenciou o pleito eleitoral daquele ano, como reconhecem desembargadores do TRE e ministros do TSE em voto sobre a Ação de Investigação Eleitoral ajuizada pela Coligação do candidato Pimenta da Veiga. Nesse caso de responsabilização sobressaem o controle horizontal, o controle social (por meio da atuação do movimento sindical, social e mídia) e o controle vertical (eleitoral).

No segundo exemplo, procuro analisar dificuldades para e exercício do controle, no caso relacionado ao pedido de informação, feito por um deputado da oposição, sobre o uso de aeronaves oficiais pelo governador do Estado, no ano de 2015. O acesso à informação foi negado sob o argumento de se tratar de informação restrita, relacionada à segurança do governador e seu cônjuge, embora o pedido se tratasse de voos ja realizados. Nesse caso, identifiquei conflito de competências entre as agências de controle, pois o interesse do membro do Poder Legisaltivo estava relacionado à investigação em curso pela Polícia Federal, além de limitações do controle judicial, demonstrada pela morosidade para análise do processo, que se arrasta há mais de um ano. Some-se a isso a frágil argumentação e baixa razoabilidade para a classificação da restrição da informação pela autoridade estadual. A título de comparação, procurei a mesma informação sobre as aeronaves utilizadas pelo Poder Legislativo estadual e não obtive a resposta, mesmo após recursos à Mesa Diretora da Assembleia Legislativa.

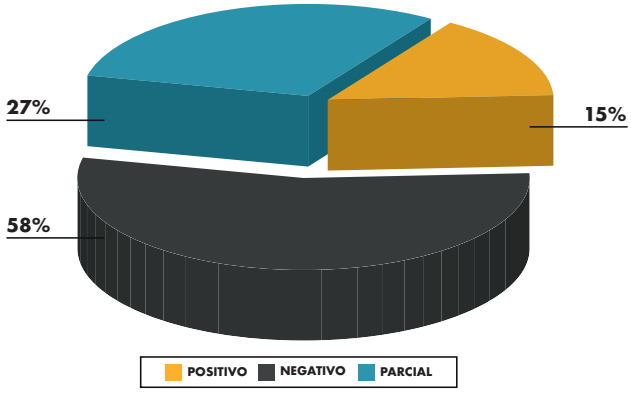
Somos ainda estreiantes em termos de direito de acesso à informação pública, se compararmos com outros países. A primeira lei de acesso do mundo foi da Suécia, há 241 anos. No Estados Unidos foi em 1956. Mas não restam dúvidas de que a LAI no Brasil já está contribuindo muito para o controle da ação estatal. Para que continue a evoluir é necessário que ela seja cada vez mais utilizada. E para isso, a realização de campanhas de difusão desse direito junto dos cidadãos é mais que recomendável, é essencial.

Gráfico 1 – Percentual de jornalistas que recorreram à Transparência Passiva no Executivo Estadual de Minas Gerais



Elaboração do autor, 2017.

Gráfico 2 – Respostas aos pedidos de acesso informações, feitos por jornalistas



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

LGTB, GRUPO INVISÍVEL

MARCELO GOMES

A coerência humana – a cultura – se dá a partir de um sistema de comunicação. Grande parte do nosso sistema é dominado por poucos: famílias, igrejas e políticos. Mediante tal fato, muitos nichos de nossa complexa sociedade não são contemplados, o que impacta na coerência da sociedade brasileira. Uma vez não encaixados no espelho da sociedade, a mídia, vários grupos, entre eles o LGBT, ficam de fora do tecido social. Isso é democracia? Portanto, para nichos como o LGBT é imprescindível a democratização dos meios de comunicação.

A democratização da mídia é a tentativa de tornar visíveis todos os grupos que compõem a sociedade brasileira, consequentemente, seus sentimentos, pleitos etc. Isso pode estar conivente a preceitos liberais, no entanto, graças a sua exacerbação, que descamba no neoliberalismo, houve uma crescente concentração de propriedade sobre os meios de comunicação. Em suma, apesar de vivermos em uma democracia, nossa mídia é aristocratizada.

Resultado: poucas famílias, igrejas e políticos detêm boa parte do poderio midiático. E usam esses espaços no intuito de lucros, tornando-o restrito a quem pode pagar para usá-lo. Dessa forma, muitos segmentos da sociedade não são pauta da mídia. E isso enseja a desigualdade, pois torna tais grupos, especialmente o LGBT, invisíveis, corroendo a coerência social, porquanto impetra a não aceitação por parte de muitos com os diferentes.

Entretanto, a mídia pode aumentar a pluralidade em uma sociedade, segundo o filósofo Gilles Lipovetsky: "(...) através dos noticiários e dos debates, a mídia 'mecanicamente' abre os horizontes de cada um, dando a conhecer diferentes pontos de vista e oferecendo esclarecimentos". Ainda de acordo com Lipovetsky, "(...) os meios de comunicação de massa trabalham para liberar os espíritos da influência das tradições e das cultura de grupo ou de classe".

Contudo, será que a referida libertação da tradição seria possível com a demasiada programação de algumas igrejas na televisão aberta? Seria possível a publicização de um curso pré-ENEM para o público LGBT, nos tradicionais canais? Seria possível os jornais pautarem com mais ênfase as produções teatrais que o grupo LGBT Toda Deseo realiza? Mas antes, a grande mídia mostrou quem é esse grupo? Levando em conta o que assegura a carta magna, a mídia deve pautar as produções culturais e artística no âmbito regional. Porém, é mais fácil ficarmos sabendo o que acontece em São Paulo e Rio de Janeiro do que na nossa própria cidade.

O que deve estar na mídia deve ser a sociedade por completo. A estimativa de *gays*, trans, por exemplo, nos jornais e novelas é proporcional ao que existe? Muitos há de convir no seguinte aspecto: nada melhor do que ser representado, representar-se. E, no entanto, emissoras que pertencem a tradicionais famílias conseguem, de fato, representar o *gay* brasileiro em suas novelas? Será que essas mesmas emissoras representam o *gay* paraense, mineiro, amazonense? Ou é só o da classe média carioca e paulistana?

A democratização da mídia, especialmente, para o grupo LGBT, será muito bem-vinda, se vingar. Para muitos ela soa como censura estatal, a qual cerceará a liberdade. Por outro lado, será que a liberdade e a cultura já não estão cerceadas com a opressão liberal? O que nos resta é um Estado regulador, não opressor, que assegure a liberdade empresarial, mas que não a deixe se exacerbar.

MARCELO GOMES é estudante de Jornalismo, produtor, apresentador do programa Observatório Político, na rádio Comunicativa, e extensionista do projeto Educomunidade.com.

O QUE MUDA COM A EMPRESA MINEIRA DE COMUNICAÇÃO?

VERÔNICA PIMENTA

A criação da Empresa Mineira de Comunicação (EMC) é um convite para pensarmos no financiamento e gestão da comunicação pública em Minas Gerais. Se o que temos é a Rádio Inconfidência e a TV Minas, vamos partir do pressuposto que a comunicação pública já existe por meio desses veículos, embora precise ser aprimorada. A pergunta é: o que muda com a criação da EMC? Nesse artigo teço algumas considerações iniciais, uma vez que a empresa está em fase de implementação.

O Estatuto da Rádio Inconfidência, Decreto 44.185/2005, estabelece, no artigo 1º, que se trata de uma sociedade limitada, empresa pública estadual, cujos cotistas são o Governo de Minas e a Fundação João Pinheiro. Segundo o artigo 37 da Constituição Federal, as empresas públicas estão vinculadas aos princípios do direito público. Mesmo sendo pessoas jurídicas de direito privado, elas devem contratar profissionais por concursos. A Lei 8.666/2013, que trata de licitações, também é referência.

A lei estadual 22.294/2016 alterou a nome da Rádio Inconfidência, transferiu o seu CNPJ para a EMC e extinguiu a Fundação Cultural TV Minas. Ao mesmo tempo, incorporou atividades de televisão como prerrogativas da EMC, agora proprietária das marcas TV Minas e Rádio Inconfidência. Continuamos a falar de uma empresa pública de comunicação. Como tal, ela deve obediência aos princípios da administração pública: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Conforme o artigo 71 da Constituição Federal, qualquer empresa pública está sujeita ao controle dos Tribunais de Contas, Ministério Público, Ministério Público do Trabalho, dentre outras instituições de controle.

Muitas questões sobre a EMC precisam ser esclarecidas. Uma delas é a efetiva responsabilidade de Estado. A EMC vai viver de comerciais? O interesse público, única finalidade de uma empresa pública de comunicação, deve estar materializado nas leis de planejamento estratégico: o Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG), a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e a Lei Orçamentária Anual (LOA).

Outra questão: quando serão realizados concursos para compor o novo quadro de profissionais? Com a criação da empresa, parte do pessoal da TV Minas ficou vinculado à Secretaria de Cultura e deve constar na EMC como trabalhadores emprestados. Criou-se uma empresa de grande porte, mas sem perspectiva de concursos e nem de atender às muitas reivindicações dos servidores. Do ponto de vista dos trabalhadores, é cedo para comemorações.

VERÔNICA PIMENTA é diretora do SJPMG, repórter da Rádio Inconfidência e mestre em Comunicação Social pela UFMG.

foto ALEXANDRE CARVALHO

A REDE MINAS

THAUANE C. FERREIRA

A Fundação TV Minas Cultural e Educativa (FTVM) vem, desde sua implantação, sendo palco de reformas e mudanças administrativas e artísticas. Agora em 2016 não foi diferente; os Projetos de Leis 3.513/16 e 3.514/16, aprovados no dia 23 e 24 de agosto pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais têm como finalidade a unificação da Rede Minas e da Rádio Inconfidência, criando assim a Empresa Mineira de Comunicação (EMC). A nova instituição abrigará as empresas em um mesmo local (que já se encontra em fase final de implementação). O projeto também tem como proposta a extinção da Fundação. Entretanto, a extinção só se dará de fato com a transferência da outorga, que é uma concessão dada pelo Governo Federal para que as empresas de radiodifusão utilizem de determinada frequência para transmissão de conteúdos (no caso da emissora, conteúdos culturais e educativos).

THAUANE C. FERREIRA é formanda em Jornalismo com Ênfase em Multimídia pelo Centro Universitário UNA e técnica de TV da Rede Minas. Este artigo é um resumo do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A Fundação TV Minas Cultural e Educativa foi implantada em 1984, no governo Tancredo Neves, integrada à política cultural do Estado de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Cultura.

Em entrevista ao programa Biografias, exibido pela emissora, o primeiro presidente da casa, Dalton Canabrava Filho, contou, 30 anos depois de sua gestão, como foi desafiador e emocionante colocar a TV no ar. A falta de recursos já era uma constante na emissora; o primeiro transmissor foi doado, com uma antena emprestada, numa torre emprestada.

Com todas as dificuldades na infraestrutura, a equipe, embora reduzida, formava uma família, que se dedicou, apostou e trabalhou de forma muito apaixonada, abrindo espaço e criando a TV que hoje é a terceira maior emissora pública do Brasil.

Em 1995, a TV, que se localizava na Avenida Assis Chateaubriand, no bairro Floresta, foi transferida para o endereço em que se encontra atualmente, na Avenida Nossa Senhora do Carmo, bairro Sion, e adotou a marca Rede Minas.

Em dezembro de 2005, a Rede Minas assinou um termo de parceria com a Associação de Desenvolvimento da Radiodifusão de Minas Gerais (ADTV), através de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip).

Em meio ao crescimento na grade, desenvolvimento, chegada do sistema digital e premiações, a Rede Minas, em dezembro de 2013, recebeu com surpresa a notícia de que funcionários terceirizados seriam desligados, pois iria realizar-se um concurso público para os cargos de Técnico de TV e Analista de TV. O concurso foi uma determinação do Ministério Público do Trabalho e do Ministério Público Estadual, que alterava o texto da Lei nº 15.467 (13/01/2005) e sancionava a Lei nº 20.710 (10/06/2013), instituindo assim as carreiras do grupo de atividades de cultura no poder executivo estadual.

Foram criados então 286 novos cargos para a Fundação TV Minas, sendo 203 cargos para funcionários efetivos. O concurso público desmotivou antigos e novos funcionários, pois trouxe salários não compatíveis com o mercado de trabalho e com a realidade anterior da instituição. Isso levou um grupo de funcionários a protestar e reivindicar do governo, entre outros itens, a redução da carga horária, a negociação da escala de trabalho e a transparência em relação à transição da Rede Minas para a Empresa Mineira de Comunicação (EMC).

NO CONTEXTO DA EMC

Trabalhadores da Rede Minas paralisaram suas atividades e fizeram manifestação em frente à emissora em outubro deste ano

Roberto Borges Martins, ex-presidente da Fundação TV Minas, afirma que a TV Pública é extremamente importante. "Primeiro porque não é TV comercial, ela tem liberdade ou deveria ter, para tratar de temas que não são tratados na TV comercial. A emissora pública tem essa liberdade de discutir assuntos que não têm grande audiência, como políticas sociais, direitos humanos e coisas desse tipo. Eu acho que o problema maior da rede pública no Brasil é a falta de financiamento, pois ela não pode vender comercial. E uma coisa muito importante: todos os governos, independentemente do partido, nunca deram atenção devida em termos de dinheiro, que uma TV pública precisa para desenvolver uma boa programação. Apesar disso, a Rede Minas sempre conseguiu ter uma programação de excelência, sobretudo a programação infantil e cultural, mas sempre faltou dinheiro."

Em meio a tentativas de reestruturação e mudanças, no dia 18 de outubro o presidente Israel do Vale foi exonerado de sua função. Junto com ele, saíram outros dois diretores. Como publicado pelo jornal O Tempo, no dia 19/10/2016, em nota, a Secretaria de Estado de Cultura afirmou que "as exonerações fazem parte de um processo natural de reestruturação dos veículos".

O governador empossou como presidente Jordana Souza Cruz Almeida, já funcionária da emissora. Um mês após sua posse, a presidente concedeu entrevista a O Tempo, em que explicou a situação atual da emissora. Ao ser questionada sobre o que seria, em linhas gerais, a EMC, ela respondeu: "Vamos ter um trabalho de rádio e TV dentro de uma mesma empresa. O que temos em termos de TV no Estado? A Fundação (TV Minas Cultural e Educativa), que é o regime jurídico, o direito público. E temos uma rádio que é uma empresa. Por que não colocar isso numa empresa que, ao unir as duas casas, vai levar para a sociedade um produto melhor?"

Danton Canabrava, na entrevista citada, diz que a Rede Minas não é como as outras televisões. "O fato de ser uma emissora pública e ter um carácter cultural e educativo dá a ela um diferencial que no fundo toca as pessoas." Ele deixa seu recado para os funcionários: "Vocês não trabalham em uma emissora qualquer, vocês trabalham em uma TV que é de todos, e uma TV que procura levar arte e cultura para pessoas, então isso dá uma motivação a mais".

Que essa motivação RE(construa) tudo o que se perdeu(!). Com a chegada da EMC, as empresas podem se unir para ter um melhor resultado, a fim de resgatar mais produção para a emissora e menos reprodução de conteúdo.

A RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA À CENSURA

GERALDO ELÍSIO

Em 1975, 11 anos depois do início do golpe civil militar de 1964 que derrubou Jango Goulart do poder, em nome da Guerra Fria, e, 41 anos antes do golpe jurídico mediático contra a presidenta eleita Dilma Rousseff, que elevou ao Palácio do Planalto o usurpador Michel Temer, para proteger corruptos de toda a natureza, existia o AI-5 e a censura dos governos militares a atormentar os jornalistas. Verdade seja dita, um pouco mais branda que a censura imposta ao Brasil pelos governos de Aécio Neves, Antonio Anastasia e Alberto Pinto Coelho, todos do PSDB de Minas Gerais.

Sendo presidente da República o general Geisel, com o seu projeto de abertura lenta, gradual e irrestrita, os censores não ficavam mais ostensivamente nos jornais, porém a censura perdurava através dos telefonemas dirigidos às redações das mídias.

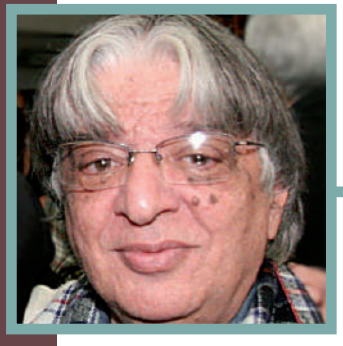
Já aposentado, Lafaiete – não confundi-lo com o jornalista esportivo Lafaiete Diniz, que militou no O Globo, sucursal de Belo Horizonte – assim mesmo comparecia todos os dias à redação do Jornal de Minas e redigia editoriais, obviamente nunca publicados, altamente ofensivos aos militares, em estilo bastante gongórico, em que ele abusava do preciosismo e dos seus conhecimentos de latim.

A grande redação do jornal se deliciava em, de um ponto qualquer dali mesmo, ligar nos telefones internos para ele e, inventando nomes de generais ou se utilizando dos mais conhecidos do País, dizer que os editoriais escritos por ele "estavam proibidos de ser publicados". O "Conde Lafá" se enfurecia, subia a uma cadeira – quando se sentia mais estimulado subia a uma mesa – e espinafrava os generais, sob os aplausos generalizados, algumas vezes com a presença dos diretores do jornais, Afonso Paulino e Cristiano Ferreirra de Melo, a integrar a brincadeira.

Uma tarde bastante calma a grande redação do Jornal de Minas estava quase em silêncio, os jornalistas debruçados em suas Remingthons e os fotógrafos apegados às suas Rolleiflex, quando, de repente, Lafaiete subiu em cima da mesa onde ele estava e começou a esculhambar a ditadura e os generais. Todo mundo parou de trabalhar para ouvir e aplaudir, quando alguém observou que ninguém na redação estava ligando para o "Conde Lafá".

Um telefonema foi cair no ramal da mesa onde ele estava e ele atendeu ao pessoal da censura mesmo – e esculhambou os generais presidentes. Constatado o que acontecera, a direção do jornal foi comunicada, mas o recado já estava dado. Afonso Paulino era amigo dos militares e, em meio a risos, explicou quem era o "impertinente" defensor das liberdades de imprensa e expressão em tempos que ninguém ousava isto.

Explicações dadas, Lafaiete, mesmo já estando calmo, foi aplaudido como nunca. Por ter dito aos censores tudo o que os jornalistas brasileiros gostariam de dizer e não podiam.



GERALDO ELÍSIO é jornalista, escritor e artista multimídia.

foto CHARLES HOFFERT

POR UM CONGRESSO NACIONAL DA IMPRENSA DEMOCRÁTICA

CARLOS CÂNDIDO

Pode ser no Maranhão, pode ser no Ceará, pode ser em Pernambuco. Não sei se haveria hoje outros ambientes acolhecedores. É claro que São Paulo é sempre o centro, apesar do Dória, apesar de trinta anos de governos tucanos. Poderia ser Brasília, se a capital federal não fosse tão identificada hoje com valores perversos. Seria muito bom que fosse em Minas. Minas Gerais tem tradição de expressar a média nacional e, por ser relativamente central, para cá convergem as forças mais diversas do país. Minas é muitas, disse Joãozito. E essa rosa da qual o Brasil tanto precisa, entre tantos espinhos, poderia nascer aqui.

Falo de um congresso nacional da imprensa. Urgente. Vamos deixar de lado rótulos como "mídia alternativa", "blogueiros", "comunicação pública" e outros. Precisamos – toda a sociedade e os jornalistas à frente – nos apropriar da palavra imprensa, da ideia de imprensa, da prática da imprensa. Precisamos nos tornar a imprensa de fato, uma vez que o que seria a imprensa no Brasil há muito degenerou e deixou de existir com o golpe. A chamada "grande imprensa", o partido da imprensa golpista – PIG, converteu-se em assessoria de imprensa do golpe, em agência de propaganda do governo. Uma espécie de novo DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura do Estado Novo. Não produz mais jornalismo e cada vez emprega menos jornalistas.

Os jornalistas e o jornalismo, no entanto, sobrevivem. Na verdade crescem, progridem em qualidade, estão em toda parte, incorporando as mais modernas tecnologias e os mais ativos e criativos profissionais. São efetivamente a vanguarda e a tradição da informação. Falta se organizarem como instituição nacional, falta se apropriarem do que foi abandonado pelo PIG, falta fortalecerem e apresentarem à sociedade um novo modelo de imprensa, para substituir o que está morrendo.

Esse modelo pode começar a tomar forma num congresso nacional que reúna jornalistas, blogueiros, midiativistas, sindicatos, movimentos sociais, intelectuais, sociedade enfim. É preciso realizar uma grande discussão para que o tema transborde do meio para a sociedade, é preciso montar uma ampla agenda de debates e propagandeá-la. É preciso também organizar com o mesmo empenho uma agenda paralela de ações práticas, para que do congresso saia o embrião de uma nova imprensa – democrática, plural, independente (= dependente do leitor, do público).

Enfim, dois congressos em um, teórico e prático. O primeiro, de reunião ampla, discussão de ideias, difusão de conhecimento, encontro de todos os públicos e congraçamento entre imprensa e sociedade. O segundo, de discussão, decisão e deflagração de ações para construção de uma nova imprensa. Dois congressos paralelos, amplos, democráticos, livres, com ideias profundas e resultados práticos, dialogando entre si para criar já, urgentemente, uma nova e vigorosa imprensa nacional.

CARLOS CÂNDIDO é jornalista, assessor de comunicação do SJPMG, autor dos livros "Meninada, o que a gente vai fazer hoje?", "60 anos de grande obras e histórias – a construção do Brasil" e "Japoneses no Vale do Aço".

BREVÍSSIMA ANTOLOGIA POÉTICA

CARLOS BARROSO

1984. Propus a montagem da Mostra de Artes pela Casa do Jornalista. Délio Rocha – nome icônico da imprensa de Minas – resumiu a ideia com exatidão. "Todo mundo conhece meu trabalho de jornalista. Do poeta, ninguém sabe", disse, elogiando a iniciativa.

2010. Vinte e seis anos depois, conseguimos realizar a II Mostra de Artes dos Jornalistas. Também, paralelamente, outra proposta que havia feito: a I Feira de livros dos Jornalistas Mineiros. Mais de 300 pessoas (número do Pauta) – desde o ex-presidente do SJPMG José Mendonça, no alto de seus quase 100 anos, a jornalistas da novíssima geração – compareceram à abertura, com painel em homenagem ao escritor e jornalista Wander Piroli. Mesa integrada por Fernando Brant, José Maria Rabelo, Arnaldo Viana, Carlos Herculano Lopes e a professora Letícia Malard. Outros 400 jornalistas expuseram trabalhos de poesia, fotografia, escultura, pintura, cartum, conto, textos teatrais, cinema, vídeo, multimídia e outras manifestações artísticas.

2013. A III Mostra de Artes dos Jornalistas e a II Feira de Livros, dessa vez em homenagem ao jornalista Celius Aulicus, o famoso "General da Banda". Novo sucesso, amplo. É aconselhável não citar nomes (sempre há perigo de omissão), mas esses trabalhos, em 30 anos de percurso, só foram possíveis com a participação na coordenação de Jane Medeiros, Filó Marçal, Hélia Ventura e Vera Godoy – que arregaçaram totalmente as mangas.

Brevíssima Antologia de Jornalistas-Poetas. O itinerário revela que jornalista faz arte – de forma inspirada, contemporânea, renovadora. Nessa linha, estamos iniciando uma Brevíssima Antologia de Jornalistas-Poetas. Inicialmente, com poemas curtos, quase haicais, quase poemas-minuto. Até porque precisão e síntese são marcas comuns, tanto ao jornalismo, quanto à poesia. Daremos continuidade à Brevíssima Antologia no próximo número.

Carlos Barroso já era poeta antes de formar em jornalismo pela UFMG, em 1979. Trabalhou em emissoras de televisão e jornais. Atualmente apresenta o programa Cena Política no canal BHNews TV.

foto Poppy Rennó e Luiza Fainblat

BRISA MARQUES

Apresentadora da Rádio Inconfidência. Livro publicado: Entre as veias de fato,entre outros.

A fim

Não me afino
com a palavra
somos difíceis
não digo por ela
mas por mim

CARLOS ÁVILA

Blog Cultura Pensada. Livro publicado: Bissexto Sentido, entre outros.

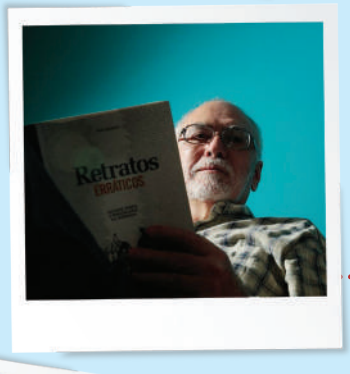
mais uma vez
sento
diante
da máquina
olhos
nos dedos
sem palavras
mais uma vez
sinto
sem palavras
olhos
nos dedos
diante
da máquina

WALTER SEBASTIÃO

Cultura, Estado de Minas. Livro publicado: Um peixe rasura a transparência do aquário, entre outros.

Alguém

cada um
destes montes
é também
parte da paisagem.
vontade de tocar
só para saber
de que matéria
é feita a alma
por aqui



REGIS GONÇALVES

Livro publicado: Opus Circus, entre outros.

Conto de fadas

A fada madrinha
foi paraninfa
de suas fadinhas.:
fadas & ninfas
paraninfadas

JAIRO FARÁ

Professor de Comunicação na UFSJ. Livro publicado: Livro de Bolso, entre outros.

Poema útil

Este poema
mais dez real
vale uma cerveja
no Mercado Central

Descarte de meias

Estou descartando meias:
palavras, verdades, certezas,
promessas,
meias paixões.
Agora, quero o que é inteiro.
Especialmente gente

MAGALY REINALDO

Locutora-noticiarista, ALMG. Participação na Antologia Também, entre outras.

Degraus

Como se não bastasse viver,
Como se não bastasse o poder
momentâneo!
Muitos pensam ser eternos.
Assim, morrem nos degraus:
Sem aplausos e sem pedestal!

CARLOS DIAMANTINO ALKMIM

Livro publicado: O Velho Chico em Três Tempos, entre outros.

GERALDO ELÍSIO

Repórter, Estação Liberdade. Livro publicado: Toada de Asfalto, entre outros.

Janaína rabisca poema com
lápis de cores.
E lhe chamam a atenção por
não devolvê-los à caixa.
Após a última chuva decidi:
ninguém mais fará isso.
Ao olhar pela janela tive
nítida impressão
de ter sido ela a inventora
do arco-íris

Agora

Pausa na noite
Ninguém.
Nenhum s.o.s.
Apenas: é-se.

FABRÍCIO MARQUES

Um livro publicado: Uma Cidade se Inventa – Belo Horizonte na Visão de seus Escritores.

não cobro nada
apenas te cubro

CARLOS BARROSO

Comentarista político. BHNews TV. Livro publicado: Carimbalas, entre outros.

BRENDA MARQUES

Produtora, Rede Minas. Livro publicado: Utopias Possíveis, entre outros

OCA COCAR CACO CICATRIZ
A RAIZ SEM TERRA É MORTA
A VISÃO É SEMPRE TORTA
E O CORAÇÃO É CHAFARIZ

ADRILLES JORGE

Gestor de projetos culturais. Um livro publicado: Antologia Poética Antijogo.

Nunca, Ainda, Sempre

Às vezes, sempre é muito vago
porque nunca é o bastante
Nunca, ainda, não é raro
mas é sempre mais adiante.

EDUARDO MURTA

Esporte, Estado de Minas. Livro publicado: Minhas Condolências à Senhora Vera, entre outros.

Fina lâmina

Nesses estranhos tempos pediram a
ele um poema concreto.
Nesses estranhos tempos
recomendaram versos que
não incomodassem o regime de
plantão.
Mas palavra não estranha poesia.
Encomendou varal de letras pendendo
ao arame farpado.
E estampou a sentença: Ainda que
sangre, desobedeça

ANTÔNIO SIÚVES

Revista Inclusive.com. Livro publicado: Moral das Horas e Outros Poemas.

Foto

Homens-carro
aceleram cedo
contra o sol:
rasgam a cidade.

O calor residual
derrete a cera
do cartão-postal.

AS BICICLETAS **CUBANAS**

GIL SOTERO
Texto e fotos

Em novembro de 2016 o mundo deu adeus à maior figura politica do século XX: Fidel Alejandro Castro Ruiz. À frente de Cuba por tantas décadas, muito se ressalta os ganhos na educação e saúde do país sob a batuta do "comandante", como Fidel era chamado. Quando estive pela primeira vez em Cuba, em 2009, tive a sorte de conhecer um pouco da ilha enquanto ele era vivo. Foi uma viagem marcante da qual nunca esquecerei. Li bastante antes de viajar até lá. Um povo culto, hospitaleiro. Sobrevivente. Quando fui a Cuba eu estava com aquela carga à qual somos submetidos aqui na América do Sul: um olhar da ilha pelos binóculos fabricados nos EUA. Depois de quase um mês lá desfiz muitos conceitos. Apesar disso, Fidel nunca foi meu ídolo. Tenho certa aversão a idolatria política. Acredito que muitas pessoas que vociferam contra Fidel e Cuba, sem nunca terem ido lá, tão pouco conhecem o que as ditaduras modernas estão fazendo com o mundo. Falam do comunismo mas desconhecem o que o ditador da Síria está fazendo com crianças e com apoio e armas dos EUA. Aliás, em Cuba foi onde vi crianças mais seguras (de todos os lugares que fui depois). Elas andavam de mãos dadas sozinhas em direção às escolas.

Cuba também é um pais seguro para ciclistas. A crise no setor de transporte, que afeta a Ilha desde a década de 90, tornou a bicicleta o principal veículo particular dos cubanos. O reflexo é visível nas cidades cubanas cheias de bicicletas e com ótimos indicadores. Em minhas viagens à ilha nunca testemunhei acidente (ou incidente) de trânsito. Com 8,6 mortes no trânsito a cada 100 mil habitantes, Cuba ocupa o terceiro lugar das Américas entre os países que menos tiram vidas nas vias. Já no Brasil são 23,4 a cada 100 mil habitantes, tornando nosso país um dos quatro que mais matam (Fonte: OMS).

Pedalar em Cuba é tão seguro que no dia a dia é possível notar bicicletas, carroças, triciclos, carros, caminhões e ônibus ocupando a mesma via e compartilhando o espaço tranquilamente. Outra cena rara no mundo: em muitos lugares de Cuba as bicicletas não são trancadas. O baixo índice de criminalidade deixa as bicicletas livres e soltas.

GIL SOTERO é jornalista, blogueiro e cicloativista.

A escassez de peças para bicicletas (uma das consequências do embargo econômico imposto pelos EUA a Cuba) fez os cubanos usarem a criatividade para manter em funcionamento bicicletas que estariam no ferro velho de muitos países. Em Cuba as bicicletas sofrem inúmeras transformações enquanto cumprem suas principais funções; transporte de pessoas e de cargas. Com uma pequena câmera mirrorless registrei em 2013 um pouco desse cotidiano de duas cidades cubanas: Havana e a Ilha da Juventude.

Adeus Fidel!

A IMPLACÁVEL CAMPANHA CONTRA A PETROBRÁS

JOSÉ MARIA RABÊLO

JOSÉ MARIA RABÊLO é jornalista, vice-presidente da Casa do Jornalista, autor do livro "Os Caminhos do Exílio", lançado pela Geração Editorial em novembro deste ano.

A campanha contra o monopólio estatal tem raízes anteriores à própria criação da Petrobras. Os eternos inimigos de nossa soberania sustentavam a tese de que o Brasil não dispunha de petróleo, que estaria concentrado no outro lado do continente, ao longo de todo o Pacífico, fora do alcance de nossas mãos. Seria uma espécie de maldição geográfica, determinada pelos criadores do Universo. Deus, ao contrário do que diz a lenda, nesse terreno não seria brasileiro...

Desde antes da Revolução de 30, o tema do petróleo começou a despertar as atenções de setores influentes da vida nacional. A principal figura daquela época e dos anos seguintes, em torno do assunto, foi o escritor Monteiro Lobato, que chegou a organizar duas ou três empresas para a exploração de nossos então pouco conhecidos (e questionados) recursos petrolíferos. Na defesa de suas ideias, publicou dois livros importantes para o debate do problema, que tiveram grande repercussão: A Luta pelo Petróleo no Brasil e O Escândalo do Petróleo. Por causa das fortes críticas que fazia ao governo, acabou sendo preso e condenado a seis meses de prisão.

No mandato do general Eurico Gaspar Dutra, de 1947 a 1950, o Brasil viveu um momento de intensa atividade política, aparecendo como um dos temas centrais a questão do petróleo. O general Dutra defendia a entrega de sua exploração aos capitais estrangeiros, tendo inclusive enviado mensagem ao Congresso nesse sentido. Desenvolveu-se no País um dos mais fortes movimentos populares de nossa história, o do chamado "O Petróleo é Nosso", que determinou a derrota daquele projeto entreguista. Eu me lembro que, como estudante, participei ativamente do movimento, tendo por isso sido preso duas vezes, uma em Belo Horizonte e outra no Rio.

O governo seguinte, o segundo de Getúlio Vargas, estatizou a prospecção, a refinação e a comercialização do petróleo, com a criação da Petrobras, em 1953. Pela firme posição na defesa de nossas reservas petrolíferas e de outros posicionamentos nacionalistas, Vargas enfrentou uma violenta guerra movida pela grande imprensa e outras forças políticas conservadoras, sempre ligadas aos interesses estrangeiros. Respondeu com um tiro no coração ao cerco feroz de seus inimigos, escrevendo com o próprio sangue o último capítulo de sua biografia.

Na ditadura, a ação contra a Petrobras não se interrompeu, mas não atingiu totalmente seus fins devido à resistência de alguns chefes militares e líderes civis nacionalistas, entre estes o ex-governador de Minas, Aureliano Chaves.

No mandato de Fernando Henrique Cardoso, por pouco a Petrobras não foi privatizada. Já tinham até mudado o nome da companhia para Petrobrax, com o objetivo de desnacionalizá-lo e agradar aos grupos internacionais interessados no negócio. Com Lula e Dilma, a empresa pode desenvolver suas atividades, batendo sucessivos recordes de produção, inclusive com o início da exploração dos riquíssimos jazimentos do pré-sal, hoje um dos maiores do planeta. Sua situação atual é de pleno equilíbrio financeiro, não se justificando portanto qualquer argumento a favor da privatização, ainda que parcial.

Nos últimos meses, com o golpe que tirou Dilma da presidência, a campanha retornou com o furor antigo, tendo à frente como sempre a Rede Globo, seguida pela longa coorte tucana, capitaneada por FHC, Aécio Neves, Alckmin e outras aves parecidas.

Todo o escândalo armado em torno da Petrobras tem o mesmo objetivo: desmoralizá-la e abrir caminho para sua privatização. O governo Temer escolheu a dedo o novo presidente da empresa, o notório entreguista Pedro Parente, que, no governo FHC, em vários postos importantes, atuou como agente dos grandes interesses econômicos. Hoje, como presidente da estatal, já negociou duas áreas do pré-sal e promove neste momento a concessão de outras 21 áreas, além da venda de parte do complexo petrolífero do COPERJ, em Itaboraí, Estado do Rio, um dos maiores projetos em andamento da Petrobras.

É preciso que a opinião pública se mobilize para derrotar essas ações antinacionais, em mais um crime do governo Temer contra o Brasil.

Charge do Nilson em 1971: não é de hoje que os estrangeiros estão de olho no petróleo brasileiro.

OCUPANDO O VÁCUO DE UM PAÍS

ARTÊNIUS DANIEL

SEXTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 2016, 23 HORAS. Dentro de um carro, cruzando a região centro-sul de Belo Horizonte, o advogado Daniel Deslandes, da Comissão de Direitos Humanos da OAB-MG conduz duas jovens para uma reunião de emergência em um restaurante. A primeira é Kessia Teixeira, 18 anos, presidenta da União Colegial de Minas Gerais. A segunda é a paranaense Camila Lanes, 20 anos, presidenta da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), carregando consigo a própria mala após ter chegado no mesmo dia à capital mineira.

Apesar do horário, nenhuma das duas fez mais do que uma refeição ainda. O cansaço e as olheiras do rosto são refletidos pela luz dos aparelhos celulares, na troca agitada de mensagens e ligações entre uma e outra curva. O carro estaciona no bairro Luxemburgo. Quem espera é o secretário adjunto de governo de Minas Gerais, Francisco Eduardo Moreira. Antes de começar a conversa na mesa da pizzaria, pergunta se as duas jovens querem comer. A negociação tem início ainda com as bocas cheias.

Estudantes, OAB e governo estão reunidos para tentar resolver um impasse de grande tensão. Dali a menos de dois dias será realizado o segundo turno das eleições municipais, mas as escolas de BH, locais de votação, estão ocupadas pelo movimento estudantil. Após uma tentativa frustrada de acordo com o Tribunal Regional Eleitoral, a Justiça ordenou a desocupação de algumas instituições, apesar dos estudantes afirmarem que desejavam colaborar com a votação. Nesse momento, a Polícia Militar já está circulando em volta das escolas. São meninas e meninos de 14, 15, 16 anos, que estão naquele momento reunidos em assembleias e preparam a resistência à ação policial.

Kessia Teixiera e Camila Lanes estão à frente, respectivamente no estado e no Brasil, das grandes entidades que representam os chamados estudantes secundaristas. O nome está ligado à modalidade de ensino "secundário", os antigos liceus do início do século XX que deram origem ao "segundo grau", termo utilizado durante o regime militar e até há algumas décadas atrás. Atualmente, são considerados secundaristas no Brasil os alunos do ensino fundamental, médio, técnico, profissionalizante e preparatório. São o maior contingente educacional do país, somando uma população de aproximadamente 40 milhões de estudantes.

O movimento secundarista no Brasil tem vasto histórico. Os estudantes foram determinantes na luta pelo petróleo, durante a década de 1950, resistiram à ditadura militar, tendo Edson Luís, morto em 1968 aos 16 anos, como um dos maiores símbolos de mobilização contra ao regime; participaram das Diretas Já, comandaram a campanha dos cara-pintadas e o Fora Collor em 1992, impulsionaram as manifestações pelo passe livre nos transportes e contra o aumento das passagens, sendo os catalisadores das jornadas de junho de 2013.

ARTÊNIUS DANIEL é jornalista, diretor do Sindicato, da Contra Regras Comunicação e assessor da União Nacional dos Estudantes (UNE).

No entanto, nenhuma ação organizada dos secundaristas havia ainda tido tanto alcance e fôlego como a onda nacional de ocupações de escolas. O movimento teve início em 2015, em São Paulo, contra o projeto de reorganização escolar no estado, e foi retomado em 2016. As ocupações retornaram após o golpe parlamentar sobre a presidenta Dilma Rousseff, consolidado no mês de agosto, e em protesto à proposta de Michel Temer para uma emenda constitucional de teto dos gastos públicos (PEC 55), prevendo o congelamento dos recursos das áreas sociais, inclusive a educação pública, por 20 anos.

De acordo com balanço da UBES, mais de mil escolas foram ocupadas em mais de 20 estados, uma rede articulada de mobilização jamais vista pela sociedade civil nacional. Pela internet, nas redes sociais, as milhões de curtidas e compartilhamentos caem sobre o vídeo do discurso da estudante paranaense Ana Júlia Ribeiro, 16 anos, na Assembleia Legislativa do Paraná. Na tela, a aparência franzina e a voz fraquejada pelas lágrimas das primeiras palavras dão lugar a uma argumentação poderosa em defesa das reivindicações das ocupações e da sua legitimidade. Após o vídeo de Ana Júlia, a parcela de brasileiros contrários à deposição de Dilma Rousseff e a PEC 55 escolhe os secundaristas como seus principais representantes.

DE DILMA A DANIELA

Daniela Nunes Moura, 16 anos, foi eleita presidenta do grêmio da sua escola no dia 31 de agosto de 2016. Segundo ela, a data já seria lembrada para o resto da sua vida apenas pela importância pessoal que carrega. Porém, o destino reservou uma lembrança ainda mais marcante para a adolescente belo-horizontina. Daniela estuda no Colégio Estadual Central, o mesmo que foi frequentado pela presidenta Dilma Rousseff e onde ela começou a sua militância. Daniela foi eleita exatamente no mesmo dia em que o Senado Federal aprovou o impeachment ilegítimo de Dilma e a afastou definitivamente do cargo.

"Como estamos no bairro de Lourdes, na zona sul, lembro das eleições da escola e, ao mesmo tempo, das panelas batendo em sinal ao impeachment. Foi uma coisa da qual nunca vou me esquecer, o sentimento de alegria, tristeza e da necessidade de resistência." Nascida na periferia, ela conta que sempre precisou da escola pública e que comemorou quando conseguiu a vaga no Central, uma das instituições mais respeitadas e tradicionais da cidade. Para ela, o golpe sobre a presidenta é um golpe também sobre a juventude, principalmente a partir dos efeitos da PEC 55 e o congelamento de recursos da educação pública.

"Essa é a melhor escola pública de BH, ainda temos laboratórios, quadras, mas as pessoas não percebem que tudo isso pode acabar com a PEC e o corte dos investimentos. Imagine então o que sobra para as outras escolas piores, da periferia, que nem isso têm. O que será delas?", pergunta. Daniela é uma das participantes da ocupação do Central, a primeira de Minas Gerais. Há diversas semanas longe de casa, dormindo e acordando na ocupação, ela diz que a experiência é de aprendizado: "A gente entra aqui uma pessoa e sai transformada. Eu abri mão da minha vida pessoal, dos meus amigos, da família para uma luta em defesa de todos os brasileiros. Isso que me motiva".

Entretanto, nem todas as experiências da ocupação são fáceis. Durante o movimento, o Estadual Central tem sido vítima de ataques de diversos tipos, de grupos anônimos ou identificados com a direita. No dia 26 de outubro, um desses movimentos invadiu a ocupação e tentou intimidar os estudantes, que não reagiram e fizeram o grupo se retirar. Em outras ocasiões, segundo Daniela, foram lançadas bombas dentro da ocupação e realizadas ameaças por parte de indivíduos que circularam a escola de madrugada.

O clima de perseguição à juventude politizada do Central também existia 50 anos antes, em 1966, quando o hoje secretário estadual de Direitos Humanos Nilmário Miranda era um dos alunos. "Um dos episódios que foram marcantes foi o ataque de metralhadora na porta da casa de Marco Antônio Meier, na época dirigente do Diretório Estudantil da escola. O veículo da família ficou completamente baleado. Aquilo era um aviso", relembra Nilmário.

Ele relata como entrou, naquela época, para o movimento estudantil, dentro do Central. "Tive um professor chamado Neném e eu disse a ele que queria participar da mobilização. Foi então que ele me pediu para procurar uma outra aluna da minha idade, a Dilminha." Era o primeiro contato entre os dois jovens que viriam a ser, décadas depois, ministros de estado do governo Lula, antes da eleição dela como primeira mulher presidenta da República.

"Eu estudava de noite e ela de manhã. Ela já era uma liderança na escola e participava da Polop (Organização Revolucionária Marxista Política Operária). Ela e outra estudante, a Regina, foram quem eu procurei para entrar no movimento", conta. Em 1966, Dilma e Nilmario ingressaram juntos na Faculdade de Ciências Econômicas, em Belo Horizonte, mas logo os dois amigos iriam se separar. Com o acirramento da repressão da ditadura, no final da década de 1960, Dilma passou a militar na clandestinidade. Foi presa em janeiro de 1970 e permaneceu detida por dois anos, sendo brutalmente torturada nesse período.

Nilmário acredita que, um dos diferenciais do movimento de resistência da juventude hoje é a sua coragem. "Na nossa época tínhamos tanques de guerra nas ruas, metralhadoras, isso tudo intimidava. Já os secundaristas hoje são destemidos, ocupam, tomam posição. Eles que são a vanguarda atualmente. Sem contar que, além disso, são também quem representa melhor o povo nesse momento que estamos vivendo. Eles falam por eles mesmos", avalia.

APÓS A REUNIÃO E A PIZZA, Kessia e Camila não conseguem a garantia de permanência dos estudantes nas escolas. Já passa da meia-noite e a informação é a de que a Tropa de Choque da Polícia Militar irá usar a força nas primeiras horas da manhã. Como trata-se do período de eleições, o comando para a ação policial está nas mãos da justiça eleitoral e há pouco o que se negociar. Dessa forma, as duas jovens decidem passar a madrugada visitando as escolas ocupadas. Estão espalhadas por todas as regiões de Belo Horizonte.

Na Escola Estadual Olegário Maciel, região central da capital, a reunião é realizada em uma sala de aula, com as carteiras em círculo. O prédio é antigo e o chão é frio. O ambiente está limpo e organizado. Lá dentro, os estudantes se dividem em comissões para cuidar das principais demandas. Representantes da secretaria estadual de educação também participam da reunião. Os estudantes estão exaustos, mas debatem intensamente, com alto grau de politização. Avaliam a situação nacional, estadual e, após discutir a situação, reafirmam o desejo de permanecer ocupados e resistir à ação da polícia dali a algumas horas.

Movimentos sociais, imprensa, advogados e outros apoiadores começam a ser convocados pelo telefone para estarem na porta da escola assim que o sol aparecer. A mobilização também é feita pelos grupos dos aplicativos Whatsapp e Telegram e logo atingem a rede de solidariedade das ocupações, oficializada há apenas um dia antes em reunião no Sindicato dos Jornalistas. A rede reúne cidadãos comuns de todas as idades que dão suporte aos jovens nas escolas, arrecadando alimentos, produzindo faixas e cartazes, organizando o auxílio à saúde dos estudantes, promovendo a comunicação e divulgação do que acontece nas instituições ocupadas.

SINÔNIMO DE RESISTÊNCIA

As ocupações são espaços completamente gestados pelos próprios estudantes, que decidem desde a forma de tomarem decisões ao posicionamento da escola em questões políticas do país. "As pessoas ainda subestimam os secundaristas, ainda menosprezam o que passamos e o que já sabemos", afirma Alberto Francisco, 16 anos, ocupado na Escola Olegário Maciel em BH. "Isso acontece mesmo no movimento estudantil, quando realizamos ações junto os universitários e somos colocados em segundo plano. Muita gente na sociedade ainda acha que somos bobos, que não sabemos tanto o que estamos fazendo, mas a cada dia damos mais demonstrações da nossa capacidade", argumenta.

Segundo Alberto, a resistência é a marca dos secundaristas. Dá o exemplo da própria experiência, precisando dormir sem conforto nas barracas da escola, em meio a más condições de estrutura e até mesmo animais como baratas e ratos. Outra dificuldade é conciliar a militância com o tempo dos estudos. "Dormimos tarde e acordamos muito cedo nas ocupações para assistir às aulas. Ainda assim dá para ter uma boa vida escolar, porque grande parte do aprendizado está nas trocas que temos durante a ocupação. Debatemos diversos assuntos, inclusive das matérias e disciplinas escolares, na ocupação estamos sempre aprendendo", revela.

A estudante Letícia Pinho, 17, ocupada na Escola Três Poderes, diz o mesmo: "Há pessoas que olham pra gente e acham que a ocupação é sinônimo de sexo, drogas e brincadeira. Na verdade o sinônimo é assembleia, reunião, palestra, formas de conviver com os outros e decidir coletivamente, São coisas

que a gente não aprende na sala de aula", afirma. De acordo com ela, grande parte do tempo é de concentração e planejamento: "Nossa situação é precária. Nossa comida é fruto da doação de outras pessoas. Temos que racionar o que recebemos, pensar em cozinhar sempre algo que sustente, mas que seja prático. Tudo é resolvido com muita dificuldade", diz.

Para os estudantes, não é simples receber a carga de responsabilidade de ser o maior símbolo de esperança do país no período de enfrentamento ao golpe e aos retrocessos . "Muita gente fala que somos o movimento mais importante do Brasil nesse momento, que somos o norte do resto das pessoas contra a PEC, mas não sabe o que passamos. É importante ser reconhecido, mas precisamos é de auxílio, isso sim", cobra Letícia.

O aluno Alberto, do Olegário Maciel, diz que esse auxílio acaba sendo dividido muitas vezes entre as próprias ocupações: "Quando começa o movimento em uma escola nova, nós tentamos ir lá para ajudar, levar os nossos depoimentos, dar um suporte para aqueles que têm menos experiência. Se for preciso até levar gente da nossa ocupação para dormir nas outras nos primeiros dias para garantir mais segurança", conta.

Em Minas Gerais, as informações sobre como ajudar as ocupações estão no Facebook, por meio da página Ocupa Minas. O endereço é www.facebook.com/ocupaminas.

SÁBADO, 29 DE OUTUBRO. Dia nublado. Em outro ponto de Belo Horizonte, na região Venda Nova, a manhã já avança, mas a polícia ainda não chegou à porta da Escola Estadual Três Poderes, outra instituição que decidiu resistir. Pelo telefone, os jovens descobrem que a Escola Olegário Maciel também não havia sido reintegrada ainda. O sentimento é de apreensão e espera pela chegada dos policiais a qualquer momento. A escola fica próxima ao 13º Batalhão de Polícia, um dos principais da capital.

Do lado de fora, as faixas foram retiradas e alguns pais se aproximam para saber como os filhos estão. Ninguém entra e as informações são passadas quando alguns representantes vão à porta. Com sorriso no rosto, explicam que todos os jovens estão bem. Os familiares demonstram apoio. A curiosidade sobre o que se passa ali atinge os moradores do bairro, transeuntes, comerciantes vizinhos. Alguns sabem que a escola está ocupada, mas não o porquê.

Hora do almoço. Dentro da escola, apesar do clima de alerta, a decisão é almoçar e todos se dirigem ao refeitório. A comida foi preparada com a ajuda de uma das mães dos estudantes. No cardápio, galinhada e frango frito. Todos se ajeitam para comer, alguns esperando outros terminarem para usar os mesmos pratos e talheres. Nesse exato momento, alguém entra na escola. É Adriano Denardi, diretor-geral do Tribunal Regional Eleitoral em Minas Gerais, órgão responsável pela desocupação.

Apesar de estar ali para decidir o uso da força policial contra os jovens, Denardi é recebido com firmeza e respeito pelos estudantes, que imediatamente perguntam se também quer almoçar. Ele aceita. Ao contrário do que aconteceu no início da reportagem, dessa vez é o representante do poder público que inicia a negociação ainda com a boca cheia e são os jovens que oferecem a sua refeição. A conversa dura mais de uma hora e é tensa. A polícia está pronta e o TRE avisa que não há outra opção senão a saída dos jovens. Eles porém resistem, anunciam que ficam e que, se for assim, estão prontos para ação policial. O tribunal recua. A reintegração não acontece e a ocupação não é retirada.

SECUNDARISTAS PELO BRASIL

Entrevista com Camila Lanes, presidenta da UBES

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), a maior e mais antiga entidade do movimento estudantil secundarista do país, está passando por desafios e transformações inéditas com a onda de ocupações que se espalharam nos últimos meses. Grande parte dos diretores da entidade está vivendo em alguma das escolas ocupadas, a comunicação e as decisões da organização são sempre na urgência, o clima de alerta é constante, a preocupação é permanente frente ao ambiente de ataque e violência de grupos intolerantes sobre as ocupações.

Camila Lanes, presidenta da entidade, 20 anos, conhece a realidade de estar ocupada desde os 16, quando se juntou ao acampamento que retomou a sede da União Paranaense dos Estudantes Secundaristas, em Curitiba. Desde então, praticamente não voltou para casa, ampliando a sua militância nas jornadas de junho de 2013, resistindo aos embates do movimento educacional no Paraná com os ataques do governador Beto Richa, sendo eleita presidenta da UBES, em 2015, exatamente no mesmo momento em que a primeira onda de ocupações tomou conta do país.

Veja abaixo um pouco do que pensa a líder secundarista;

-Como é ser mulher, jovem e desde os 16 anos já está engajada com a política, assumindo papel de liderança? Como é ocupar esse lugar?

-Primeiramente, Fora Temer. Em segundo lugar, é muito bom estar nesse espaço e saber que ele é nosso. Não só dos homens brancos de mais idade, mas também de estudantes, jovens, de meninos e meninas como nós. Por falar nisso, uma das coisas mais importantes desse momento é a ascensão das meninas nos espaços de poder. Adolescentes, jovens mulheres, todas marchando em direção à construção de uma sociedade igualitária. Tenho vivido ao lado de estudantes secundaristas de inúmeros estados, em um momento importante nas páginas da história do Brasil, que é a nossa primavera das ocupações.

-Quem são os ocupantes?

-São representantes da nossa diversidade. LGBTs, negros e negras, dos mais novos aos mais velhos, meninos e meninas. Sentir o quanto as ocupações colaboram para a o crescimento de cada secundarista é histórico e marcante. Lembro bem, enquanto eu estava na Ocupa Costa Viana (no Paraná), ouvir das meninas as exigências para participar da segurança e das rondas, para mais debates sobre o feminismo, empoderamento, combate às violências e às opressões. Isso é emocionante e gratificante. Estamos mudando algo grande.

-Quais são os preconceitos ainda existentes contra as ocupações?

-Uma ocupação vai além de simplesmente estar no espaço, é vivenciar a escola, sentir o que os funcionários, professores e comunidade passam todos os dias nos bastidores. Não é fácil. Nós, estudantes, somos sempre personagens que participam ali por algumas horas diárias de uma rotina engessada e dispersiva. Ocupar é puxar a responsabilidade para quem deve ser protagonista ali. Se o Estado não cuida, nós cuidamos.

-Por que ocupar?

-As ocupações nos trarão frutos, um futuro mais livre e democrático, onde meninos e meninas compreenderão o papel de cada um nessa sociedade. As mobilizações por tantos estados do Brasil são uma prova disso. A fala de Ana Júlia, estudante secundarista do Paraná na Assembleia Legislativa do estado é uma prova disso. As mobilizações e manifestações que estão sendo feitas também são provas disso. Nosso lema é "Ocupa tudo" e não iremos parar.

SÁBADO, MEIO DA TARDE. Chega à Escola Olegário Maciel a notícia de que os colegas da Três Poderes resistiram na negociação com TRE e que a desocupação policial não foi realizada. A informação motiva os estudantes, que reforçam a intenção de fazer o mesmo. Do lado de fora, policiais armados barram a entrada. Apoiadores, imprensa, pais e amigos conversam com os jovens ocupados pelas grades das janelas voltadas para a rua.

A juíza eleitoral Rosimere das Graças Couto chega para a negociação. Na entrada da ocupação, ela ouve as palavras de ordem dos estudantes contra PEC 55, em críticas ao ministério da Educação e à presidência da República. Senta para a reunião em uma roda, a reunião é toda conduzida pelos jovens. A juíza parece desconfortável e busca interromper as falas das outras pessoas com frequência. Os ocupados mantêm a firmeza e fazem as suas colocações. Explicam que querem colaborar com a garantia do direito constitucional ao voto, mas que também têm o direito de mobilização e manifestação de acordo com a lei.

Toda a reunião é transmitida ao vivo, pela internet, pela equipe da Mídia Ninja. O conteúdo alcança milhares de visualizações nas redes sociais e os internautas comentam em tempo real o andamento das negociações. Frente aos argumentos e ao firme posicionamento dos jovens, a juíza também recua, como aconteceu mais

cedo na negociação do Tribunal com os alunos ocupados na Escola Três Poderes. É firmado um acordo para que a ocupação não seja removida e que possa coexistir, de forma pacífica, com o processo eleitoral do dia seguinte.

Já é noite do lado de fora quando a juíza deixa o local. Pela janela, os estudantes ocupados passam o recado para quem está fora. A ocupação resistiu e venceu. Os jovens se abraçam e aplaudem enquanto a Tropa de Choque da Polícia Militar recolhe o seu arsenal, retira os capacetes, e caminha em direção aos veículos para ir embora.

Belo Horizonte será, no dia seguinte, mais uma das muitas cidades brasileiras que terão eleições e ocupações no mesmo espaço. Uma situação irônica no ano de 2016 para um país em que grande parcela da população denuncia ter tido o seu voto das últimas eleições desrespeitado, com o impeachment ilegítimo de uma presidenta democraticamente eleita.

Um dos apoiadores em frente à escola é um senhor de idade que comenta: "Eles são a nossa esperança agora após esse golpe. Ninguém estava conseguindo fazer nada e eles fizeram. Eles ocuparam esse vácuo. Eles são os nossos líderes nesse momento". As pessoas se dispersam e o clima volta ao normal na noite de sábado no centro da capital mineira. A rua está vazia. As luzes ficam acesas na Escola Olegário Maciel.

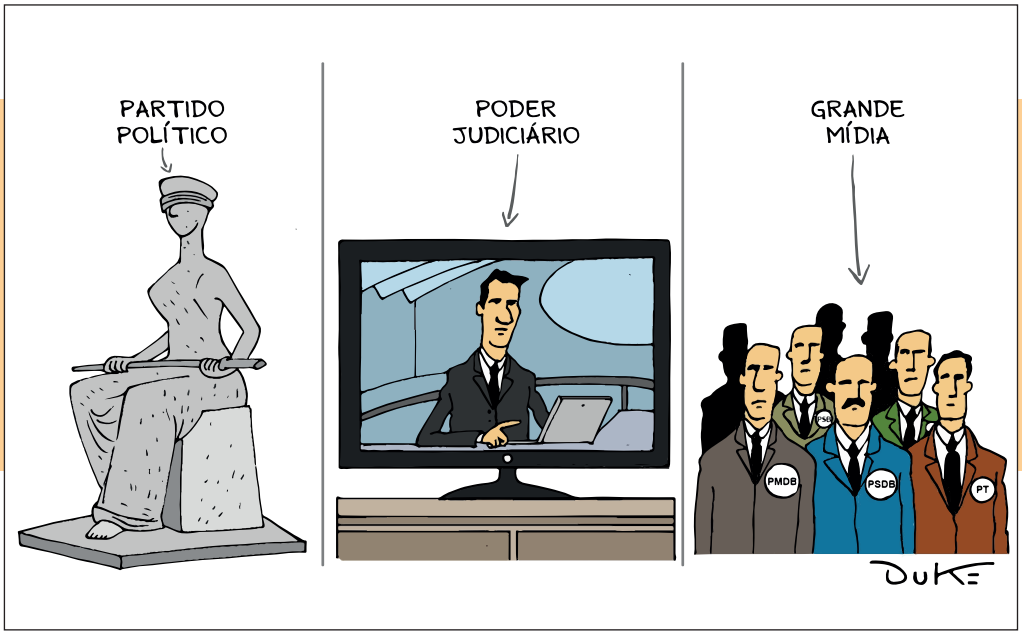
CRÉDITO DAS FOTOS

Todas as fotos utilizadas nesta reportagem fazem parte de um concurso fotográfico e leilão promovido pelo coletivo mineiro Erro 99, o "Show de Likes". Reunindo uma diversidade de imagens de diferentes fotógrafos do país, o "Show de Likes Edição Especial Ocupações" mostrou apenas ensaios com esse tema para o público no dia 25 de novembro, com a eleição dos cliques vencedores por voto popular. O Erro 99 autorizou o uso das fotos nesta edição da Pauta.

O coletivo surgiu em 2013 e é uma iniciativa de fotógrafos e produtores culturais belo-horizontinos que adotam a criatividade e a interação com o público como ferramentas para levar para os espaços de consumo e debate fotográfico pontos de vistas contemporâneos e populares acerca da produção e circulação de imagens. Dessa forma, buscam proporcionar o engajamento e interação do público para além dos espaços e papéis que normalmente lhe são oferecidos, e ao mesmo tempo questionar as estruturas do mercado da fotografia profissional e artística.

Saiba mais em: www.facebook.com/erro99.

2016, NOS TRAÇOS DO **DUKE**



DUKE é chargista dos jornais O Tempo e Super Notícia e do portal Dom Total. É editor da página de jogos e diversão do suplemento infantil Tempinho e da página de quadrinhos, jogos e entretenimento Supimpa.

SOMOS MILHÕES DE CUNHAS
SOMOS MILHARES DE CUNHAS
SOMOS CENTENAS DE CUNHAS
SOMOS DEZENAS DE CUNHAS
SOMOS UNIDADES DE CUNHAS
CUNHA? QUE CUNHA?
DUKE

LAMA DA SAMARCO
1 ANO DE IMPUNIDADE
QUEDA DO VIADUTO
2 ANOS DE IMPUNIDADE
DESCOBRIMENTO DO BRASIL
516 ANOS DE IMPUNIDADE
DUKE

YARA TUPYNAMBÁ RESTAURA

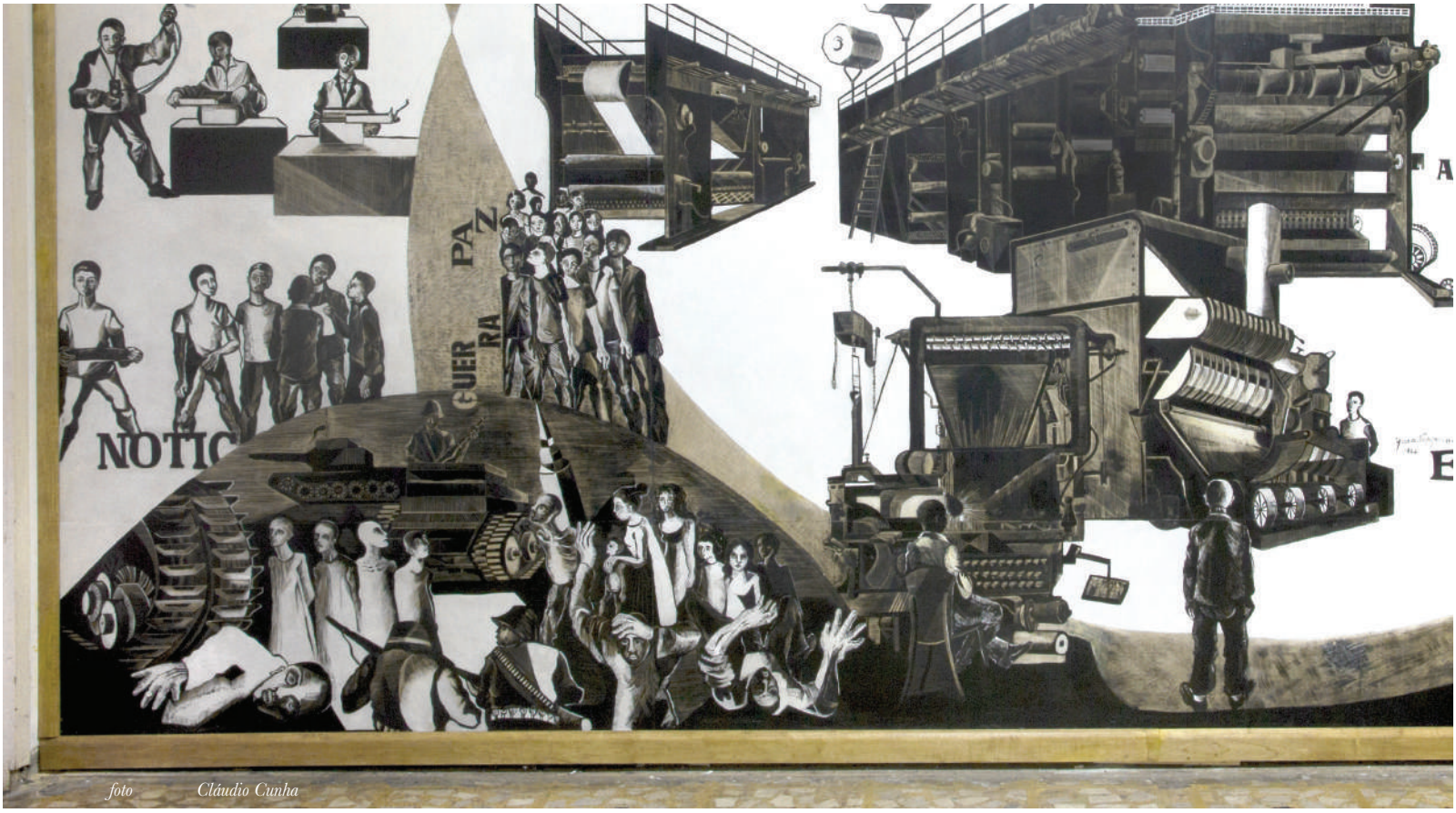


foto *Cláudio Cunha*

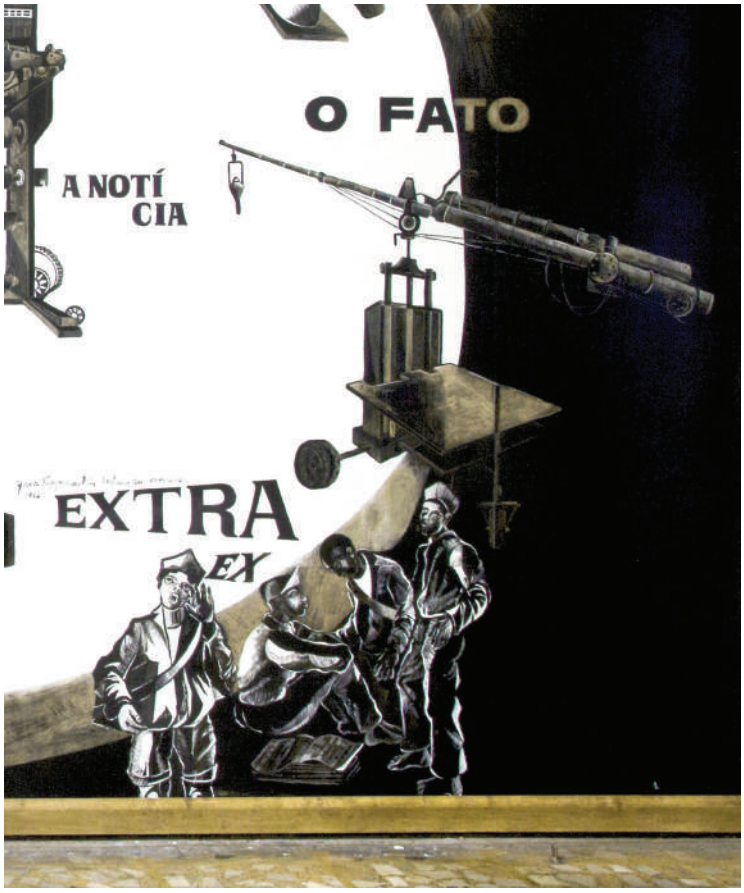
A artista plástica Yara Tupynambá e sua equipe restauraram o painel "A Imprensa" que desde 1966 ocupa uma parede na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. A restauração começou em dezembro de 2016 e terminou em janeiro de 2017. Parte da pintura foi refeita e estragos provocados por cupins na madeira, recuperados. O quadro já tinha passado por uma limpeza em 1995, mas esta foi a primeira vez em que foi totalmente restaurado. "Fiquei muito satisfeita com o resultado. O painel reavivou, ficou bonito", disse Yara.

Ao refazer a pintura, Yara ficou impressionada com a atualidade das cenas retratadas. "Na época, era a Guerra do Vietnã que chocava a todos, hoje é o Estado Islâmico. Curiosamente, aquelas figuras centrais, da Guerra do Vietnã, são iguais às do Estado Islâmico. A guerra é a mesma", observou.

Por outro lado, as mudanças tecnológicas ocorridas em meio século transformaram o painel num documento histórico. "Ele passou a ser um documento de memória do jornalismo. Os jovens jornalistas nem sabem o que é uma máquina de escrever e muito menos um linotipo. É importante essa memória", ressaltou a artista.

Famosa por seus 104 painéis e murais espalhados em cidades brasileiras, sete deles tombados pelo patrimônio histórico e cultural, Yara nunca tinha feito uma restauração completa de uma obra sua. Ela contou que ficou muito alegre por remexer sua memória e trazer à tona fatos e emoções que a marcaram na época da pintura.

PAINEL 'A IMPRENSA'



DUAS OBRAS EM UMA

A restauração do painel "A Imprensa" era um compromisso da atual diretoria do Sindicato e foi feita graças a uma ação conjunta da artista e do Banco Mercantil do Brasil. "A obra enriquece o Sindicato", disse o presidente Kerison Lopes. "Já virou tradição da Casa do Jornalista os participantes de encontros realizados aqui tirarem fotos tendo o painel como fundo."

"A Imprensa" foi o primeiro painel pintado por Yara Tupynambá. Ele mede cerca de 5,5 metros de comprimento por 2,7 metros de altura e foi pintado numa técnica que não se usa mais – primeiro, o fundo, com tinta branca; em seguida, as imagens, com tinta preta; por fim, a pintura foi toda riscada com gilete, o que lhe dá uma aparência de xilogravura.

Como a tinta emborracha usada no trabalho não existe mais, a restauração foi feita usando-se outra tinta. Isso fez com que a obra passasse a conter duas pinturas, a original e a nova, segundo a autora.

"A Imprensa" retrata o trabalho dos jornalistas numa sequência de cenas. Para pintá-las, Yara fez pesquisa em jornais. Veem-se equipamentos que desapareceram, como um linotipo, rotativas e máquinas de escrever; uma redação antiga, repórteres e fotógrafos registrando fatos, meninos jornaleiros vendendo jornais na rua e populares discutindo as notícias, além de imagens de guerra. (C.C.)

foto Kerison Lopes

SINDICATO LANÇA LIVRO SOBRE SEUS 70 ANOS

O Sindicato dos Jornalistas está comercializando o livro "Álvares Cabral, 400 – A Casa da Liberdade", que conta a história de 70 anos Sindicato e 50 anos da Casa do Jornalista, completados em 2015. Lançado numa festa de confraternização que reuniu várias gerações de profissionais, o livro assinado pelo jornalista e escritor Paulinho Assunção registra, década após década, os fatos e imagens que marcaram a atuação do Sindicato e da Casa. O exemplar custa R$ 30.

"O jornalista é um contador de histórias e eu sempre ouvi muitas histórias do Sindicato contadas por jornalistas. Nossa intenção foi juntar tudo numa obra que sirva de referência para as próximas gerações de jornalistas", explica o presidente Kerison Lopes. "É um documento que faltava. Era preciso registrar em livro o que o Sindicato representa para a comunidade, um espaço de acolhimento dos movimentos sociais, de luta pela liberdade e pela democracia", completa o presidente da Casa do Jornalista, Mauro Werkema.

Editado pela Livraria e Editora Graphar, "Álvares Cabral, 400 – A Casa da Liberdade" foi viabilizado com recursos da Lei Rouanet e patrocínio da CBMM. Além de Paulinho Assunção, autor da pesquisa e do texto, participaram do trabalho a fotógrafa Vera Godoi, que fez a pesquisa de imagens, e os jornalistas João Paulo Cunha, José Maria Rabêlo, Fabrício Marques, Myrian Christus e Lorena Tárcia, que escreveram artigos.

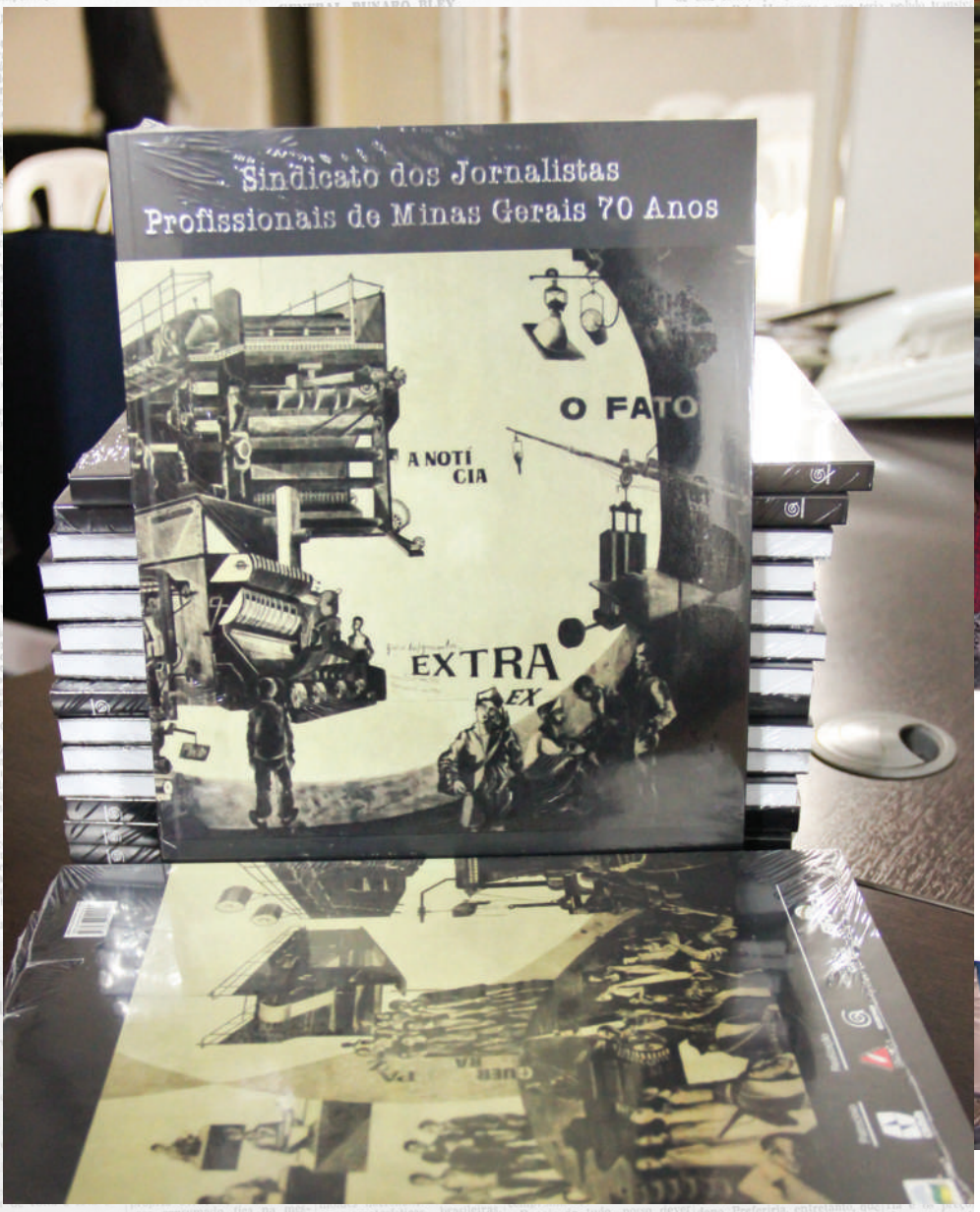


foto *JADE VIEIRA*

DOIS MUNDOS, DOIS BRASIS

Assembleia na porta do jornal Estado de Minas: depois de muitos anos, os jornalistas voltaram a fazer greve

Não é exagero dizer que a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais cujo mandato termina no próximo mês de junho de 2017 começou sua gestão num mundo e terminou em outro. No meio do caminho houve um golpe. E novamente o Sindicato foi protagonista da luta de resistência, mais uma vez a Casa do Jornalista tornou-se um QG da democracia. Ao mesmo tempo, a velha imprensa, que já descia a ladeira da credibilidade, afundou-se na lama do ataque aos direitos dos cidadãos e dos trabalhadores, não apenas apoiando o governo ilegítimo, mas também capitaneando as demissões em massa e o desrespeito à legislação trabalhista. E o Sindicato liderou a mobilização da categoria.

O balanço desta gestão do Sindicato não pode ignorar os dois mundos, os dois Brasis – o de 2014 e o de 2017. "Em 2014, estávamos às vésperas da sétima eleição direta consecutiva para presidente, os avanços sociais eram enormes, a democracia avançava. Tínhamos a maior taxa de emprego desde que ela começou a ser medida. O Brasil ocupava cada vez mais espaço na geopolítica mundial", lembra, ao final do seu mandato, o presidente Kerison Lopes.

Diretor do Sindicato na gestão Aloísio Martins (2008 e 2011) e presidente da comissão eleitoral em 2011, Kerison milita em movimentos políticos e sociais desde a adolescência, presidiu a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes) e a União da Juventude Socialista (UJS). Não participou da gestão anterior do Sindicato porque estava de mudança para Brasília. Em 2014 foi convidado para duas chapas que estavam se articulando e conseguiu juntar as duas numa só, o "Movimento Pra Sacudir", Chapa 2, eleita com 58,6% dos votos. Foi o presidente adequado para os anos turbulentos que viriam.

Assembléia no jornal Hoje em Dia

"Quando eu era estudante de Jornalismo já compreendia a importância de ser sindicalizado. Sempre entendi o caráter peculiar do Sindicato dos Jornalistas, como porta-voz da sociedade mineira", explica Kerison.

Desde o primeiro momento, quando os derrotados na eleição presidencial de 2014 recusaram-se a aceitar o resultado das urnas, a Casa do Jornalista tornou-se a sede mineira da resistência ao golpe. Em abril de 2015, o Sindicato comemorou o Dia do Jornalista com o lançamento do manifesto "Jornalistas pelo Brasil", que, na presença dos eminentes profissionais Ricardo Kotscho, Audálio Dantas e José Maria Rabêlo, denunciou a participação da grande mídia no golpe em curso e conclamou os jornalistas a se distinguirem dos patrões e defenderem a democracia.

"Além de defender a democracia e o respeito ao voto direto da maioria da população, nós compreendemos imediatamente que o golpe não era contra a presidenta, mas contra os trabalhadores. E estávamos certos. Toda a pauta de reformas do governo golpista é para tirar direitos dos trabalhadores", analisa Kerison. "Estão tirando direitos que existiam desde a Revolução de 30 e querem destruir os sindicatos. É uma ofensiva muito grande do capital. O golpe foi contra os trabalhadores", enfatiza.

DOIS MUNDOS NO JORNALISMO

Em 2014, o jornalismo impresso já estava em crise, mas ela se aprofundou desde então. "Principalmente em função da má gestão dos donos de alguns veículos, como o Estado de Minas, a TV Alterosa e o Hoje em Dia", ressalta Kerison. Mal administrados e sem as benesses que contavam receber do seu candidato na eleição presidencial, esses veículos reagiram jogando o ônus da crise nas costas dos seus empregados. O que se viu foi um verdadeiro festival de desrespeito às leis e aos direitos trabalhistas.

"A categoria, que tinha perdido a tradição de mobilização, mobilizou-se para defender seus direitos", diz Kerison. "O ponto alto foi a greve dos trabalhadores dos Diários Associados, pelo pagamento do 13º salário, com greve, passeatas, assembleias e outras manifestações." Outras mobilizações ocorreram também nos jornais Hoje em Dia e O Tempo e na Rede Record Minas. "A categoria entendeu

que tinha de dar uma resposta aos patrões." E a atuação específica do Sindicato confundiu-se assim com sua atuação geral, na defesa dos direitos dos jornalistas e dos trabalhadores.

"As principais empresas de comunicação participaram e participam da coordenação do golpe", observa Kerison. "Elas praticam sua agenda de tirar direitos e querem tirar mais. O golpe está incrustrado em todas as instituições, principalmente no Judiciário. Não resta outro caminho aos trabalhadores senão a mobilização."

Kerison destaca que o jornalismo tem papel fundamental na resistência ao golpe. "Temos de mostrar a importância que o jornalismo continua tendo, apesar de ter sido desmoralizado pelos patrões. "O jornalista aprendeu que é trabalhador e que tem de se separar dos patrões, para resgatar o jornalismo como profissão."

VIOLÊNCIAS CONTRA JORNALISTAS

O acirramento político aumentou a violência contra jornalistas. Em Minas, várias mortes, ferimentos, agressões e arbitrariedades ocorreram em atos praticados pela polícia, manifestantes e autores desconhecidos. Impunidade e não esclarecimento dos crimes foram a tônica, situação que estimula mais violência, apesar das denúncias e dos esforços persistentes do Sindicato para defender os jornalistas.

O crime mais aterrador, com repercussão internacional, foi o assassinato do jornalista Evany José Metzker, no Vale do Jequitinhonha, em 2015, que fez lembrar as execuções dos jornalistas Rodrigo Neto e Walgney Carvalho, no Vale do Aço, em 2013. O caso mais recente, em agosto de 2016, teve como vítima fatal o jornalista Maurício Campos Rosa, dono do jornal O Grito, em Santa Luzia, ex-repórter fotográfico nos Diários Associados.

Também em 2015, durante um protesto contra o reajuste das tarifas de ônibus de Belo Horizonte, o repórter fotográfico Denilton Dias, do jornal O Tempo, foi atingido na perna por uma bala de borracha disparada a queima roupa por um militar. Em 2016, a jornalista Verônica Pimenta, repórter da Rádio Inconfidência e diretora do Sindicato, foi impedida de trabalhar e em seguida presa e levada a uma delegacia, quando cobria a ação da PM de despejo das ocupações Maria Vitória e Maria Guerreira, na região de Venda Nova.

Assembléia no jornal O Tempo

Jornalistas debateram rumo da profissão no 14º Congresso

Em novembro do mesmo ano, policiais militares detiveram o estudante de Jornalismo Caio Santos, que cobria manifestação estudantil pacífica no centro da capital para o portal Jornalistas Livres. Mesmo cumprindo todos os procedimentos recomendados para os repórteres que enfrentam tal situação, ele teve sua câmara e seu celular apreendidos e foi levado para uma delegacia dentro do camburão da PM.

Em todos os casos, o Sindicato agiu com rapidez e rigor, prestando assessoria jurídica e denunciando as violências à Ouvidoria de Polícias, à Corregedoria da PM, à Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa e ao Ministério Público de Direitos Humanos, além de publicamente. "Enquanto não houver iniciativa do governo do estado de punir esses atos, eles continuarão acontecendo", ressalta o presidente Kerison Lopes.

ESPAÇO CULTURAL

Apesar dos anos difíceis, a gestão 2014-2017 deixa uma lista de realizações que renovaram o Sindicato, no calor da mobilização política e sindical. Uma delas foi a criação do Espaço Cultural Casa d@ Jornalista. Sem um real sequer de dinheiro público, o centro cultural trouxe à sede do Sindicato cerca de 1.000 artistas, em diversos tipos de apresentações, desde sua inauguração com o BH Press House, durante a Copa do Mundo 2014.

"O Sindicato foi ocupado pelas artes e pelos movimentos sociais", resume Kerison Lopes, lembrando as inúmeras exposições, lançamentos de livros, exibições de filmes, debates e shows ocorridos no novo espaço cultural administrado pelo casal Edmundo Correa e Andrea Diniz, produtores reconhecidos por sua longa e séria dedicação à cultura belo-horizontina.

Kerison observa que Belo Horizonte vive um momento de ocupações culturais. "O Sindicato sempre teve esse papel cultural, desde a inauguração da Casa do Jornalista, em 1965, mas ele andava meio abandonado."

A ocupação fortaleceu o Sindicato, que ganhou a solidariedade dos movimentos sociais, dos estudantes, dos artistas, dos jornalistas artistas. "A Casa, hoje, é mais conhecida do que o Sindicato", brinca Kerison, lembrando que é comum jovens jornalistas e estudantes de Jornalismo frequentarem a Casa e só então descobrirem que ela é a sede do Sindicato.

Assembléia no Sindicato: mobilização contra precarização do trabalho

CASA D@ JORNALISTA

Essa tradição cultural do Sindicato ficou ainda mais sólida com o resgate da Casa do Jornalista. Uma nova diretoria foi eleita, sob presidência do jornalista Mauro Werkema, e procedeu a uma séria de ações visando a transformar a Casa num centro cultural. Pendências fiscais foram regularizadas e um novo estatuto foi aprovado. "A Casa do Jornalista está pronta para assumir novos desafios", informa Kerison.

COMISSÃO DE ÉTICA

A gestão 2014-2017 cumpriu promessa de campanha e reativou a Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa do Sindicato. A Comissão está prevista no artigo 32 do Estatuto Social do Sindicato e é um órgão independente, com poderes para apreciar, apurar e julgar as denúncias de transgressão ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, cometidas por jornalista na jurisdição da entidade sindical. Eleita pelo voto direto e empossada em outubro de 2016, a Comissão é formada pelos jornalistas Valéria Said, Virgínia Castro e Mozahir Salomão e pelos representantes da sociedade Leonardo Nader (Conedh-MG), e Lucas Cadete (OAB-MG).

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Atendendo uma demanda permanente dos jornalistas, o Sindicato retomou o programa Qualificar e levou o curso "Desafios da edição jornalística", ministrado pela jornalista e professora Patrícia Aranha, a cidades do interior. Em 2016, um novo projeto foi criado, o Curso Livre de Jornalismo, tendo à frente o também jornalista e professor João Carlos Firpe Penna. O sucesso foi tão grande que o curso continuará em 2017.

PRÊMIO DÉLIO ROCHA

O Prêmio Délio Rocha de Jornalismo de Interesse Público está sendo realizado pela décima vez – a terceira na atual gestão. Um dos mais importantes prêmios de jornalismo de Minas Gerais, ele reúne a categoria numa festa de congraçamento e contempla seis categorias: Reportagem Impressa; Reportagem Fotográfica; Reportagem de Rádio; Reportagem de Televisão; Reportagem de Internet e Reportagem Impressa – Estudante de Jornalismo.

70 ANOS

Durante a gestão que termina foram comemorados os 70 anos de fundação do Sindicato e os 50 da Casa, em 2015. Por meio dessas instituições, os jornalistas foram homenageados em solenidades na Assembleia Legislativa e na Câmara Muncipal de Belo Horizonte. Um livro – "Álvares Cabral, 400 – A Casa da Liberdade" – registrou pela primeira vez uma história das primeiras sete décadas do Sindicato.

14º CONGRESSO DOS JORNALISTAS

Em abril de 2015, o Sindicato realizou em Belo Horizonte o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais. Transcorrido no ambiente do impeachment que afastou a presidenta da República, o encontro propiciou reflexões sobre as transformações políticas e profissionais vividas pelos jornalistas e aprovou propostas para orientar a atuação e o fortalecimento do Sindicato. A palestra de abertura foi do jornalista Fernando Morais, que vaticinou: "O golpe será devastador". Várias mesas redondas e debates discutiram temas como o desmonte da CLT, as mudanças tecnológicas e alternativas para a crise. Embora nas grandes empresas jornalísticas o número de empregados seja cada vez menor e o trabalho mais precário, a conclusão geral foi de que o jornalismo é cada vez mais necessário e que só os jornalistas serão capazes de manter viva a profissão.

Jornalista atingido por bala de borracha: violência e impunidade

COMUNICAÇÃO

O Sindicato renovou também a sua comunicação. O saite Jornalistas de Minas ganhou um novo leiaute, mais bonito, mais ágil e mais informativo. As redes sociais, em especial o Facebook e o Twitter foram intensamente usadas, alcançando milhares de leitores. Tradicional publicação impressa do Sindicato, em circulação há mais de trinta anos, o jornal Pauta foi transformado em revista, com conteúdo mais durável e ampla participação de colaboradores.

PAINEL A IMPRENSA

Obra de arte histórica, pintada por Yara Tupynambá em 1966, o painel A Imprensa foi totalmente restaurado pela artista e sua equipe. Foi a primeira vez que isso aconteceu; em 1995, Yara tinha feito uma limpeza no painel. A pintura ocupa uma parede inteira da Casa do Jornalista e representa a imprensa nos seus diversos aspectos: a produção da notícia, a impressão, a leitura, a venda, os acontecimentos cobertos pelos jornalistas. Com mudanças tecnológicas, a obra transformou-se também num documento histórico para aprendizagem das novas gerações e cenário para fotografia de tantos quantos visitam o Sindicato.

CARNAVAL

A recriação do carnaval de Belo Horizonte nos últimos anos, com participação intensa dos jornalistas, motivou o Sindicato a ter o seu bloco. Foi criado assim o Bloco do Pescoção, que sai à rua desde 2015, liderado pelo jornalista Zuzileison Oliveira Moreira. O Sindicato acolheu também outros blocos que têm adesão de jornalistas, entre eles o Bloco da Cidade.

Prêmio Délio Rocha: confraternização e valorização do jornalismo

MULHER JORNALISTA

A categoria dos jornalistas é hoje formada majoritariamente por mulheres, quadro que se vê nas redações, nas assessorias, nas salas de aula – e também nas assembleias e manifestações. Não por acaso, a chapa única que concorre à eleição do Sindicato em 2017, "Luta, Jornalista!", é encabeçada por uma mulher, Alessandra Mello, atual vice-presidente. "Ela liderou a mobilização no Estado de Minas e será a terceira mulher a presidir o Sindicato", observa Kerison Lopes.

Também não é por acaso que a chapa tem grande número de mulheres: são 11, num total de 26 integrantes, quase o dobro da diretoria atual, que tem seis mulheres.

Na gestão atual, o Sindicato valorizou o espaço conquistado pelas mulheres na sociedade e abriu caminho para a realização de diversos encontros de mulheres, como o do núcleo mineiro da Associação Brasileira das Mulheres da Imagem. Este ano, o Sindicato serviu de base para a campanha contra o assédio às mulheres no carnaval. "Tudo isso expressa a participação crescente da mulher na política, que é muito importante neste momento", enfatiza Kerison Lopes.

FOTÓGRAFOS E CINEGRAFISTAS

O Sindicato foi fundamental também no processo de reorganização da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos de Minas Gerais (Arfoc MG), que funciona em espaço da Casa do Jornalista. A atual gestão incentivou e deu todo o apoio à realização de uma massiva assembleia que recriou a Arfoc em 2015 e desde então as duas entidades vêm atuando em conjunto.

CAMPANHAS CONJUNTAS

O Sindicato estreitou laços com os sindicatos dos radialistas, dos empregados na administração de jornais e revistas e dos gráficos, trabalhadores com os quais os jornalistas convivem no dia a dia nas empresas de comunicação. A união das quatro categorias tornou-se fundamental para aumentar suas forças nas campanhas salariais e enfrentar patrões que desrespeitam a legislação trabalhista e cortam direitos dos trabalhadores.

CONVÊNIOS

O Sindicato manteve e ampliou convênios e parcerias com empresas, instituições e profissionais, com o objetivo de beneficiar os jornalistas, associados ou não. Eles dão descontos na compra de carros, em viagens, escolas, assessoria previdenciária, seguros e outros. Um deles, com a Aliança Administradora de Benefícios de Saúde, demonstrou sua importância para garantir assistência médica e hospitalar da Unimed a um número crescente de profissionais, na difícil conjuntura atual, em que empresas jornalísticas interrompem a concessão desse benefício.

O serviço mais importante, sem dúvida, é a assistência jurídica. Ela está presente não apenas nas inúmeras ações movidas na Justiça do Trabalho em defesa dos direitos de jornalistas dispensados pelas empresas, mas também no dia a dia do Sindicato, por meio do advogado Luciano Silva, na assessoria às negociações das Convenções Coletivas, nas mediações no Ministério do Trabalho e na orientação jurídica à atuação da entidade.

DESAFIO

O processo de demissões nas redações tem grandes consequências para as finanças do Sindicato, que perde a renda proveniente das anuidades descontadas em folha. O desafio, ampliado pela crise econômica, é garantir a sustentação do Sindicato, cuja atuação torna-se cada vez mais importante no quadro de crise. A recente extinção da contribuição assistencial, em decisão do STF, reduz ainda mais os recursos do Sindicato, obrigado a cortas despesas e buscar novas fontes de receita.

Ao mesmo tempo e pelas mesmas razões, multiplicam-se os problemas jurídicos, motivados pelo desrespeito aos direitos trabalhistas, que exigem a atuação do Sindicato. Para servir adequadamente a categoria, o Sindicato precisaria ter uma estrutura maior.

O caminho passa por filiar os jovens jornalistas, sensibilizar os estudantes de Jornalismo, renovar, enfim, o Sindicato cada vez mais, realizar cursos, oferecer benefícios, aumentar o número de associados.

"Neste momento de amplo ataque aos direitos dos trabalhadores e dos jornalistas, em especial, é que o Sindicato se torna mais importante, porque é ele que pode proteger a categoria", ressalta Kerison Lopes. "Por isso os jornalistas voltaram a se mobilizar nos últimos anos."

Jornalistas renomados se encontram no Sindicato para resistir ao golpe

NOVOS CAMINHOS DO SINDICALISMO

PAULINHO ASSUNÇÃO

"Um dado que sinaliza com nitidez o estreitamento das relações do SJPMG com outras categorias sindicais a partir da presidência de Dídimo [Paiva] sobressai na eleição de seu sucessor, Washington Mello, em junho de 1978. Basta observar a composição das mesas coletora e apuradora nas votações ocorridas nos dias 8 e 9 de maio, integralmente formadas por dirigentes de sindicatos como João Paulo Pires de Vasconcelos (Metalúrgicos de Monlevade), Antônio Lúcio da Silva (Trabalhadores da Petrobrás) ou Nilton Ferreira Borges (Trabalhadores da Indústria Fumageira), para citar apenas alguns. Foi a primeira vez, desde 1945, que uma eleição da categoria apresentava esse tipo de união com outras entidades, já a partir da organização da votação.

E união era uma palavra com peso e volume naquela hora.

Washington, antes mesmo de qualquer menção aos dois anos em que presidiu o Sindicato, põe em relevo um gesto de reconhecimento e louvor aos que com ele foram eleitos, sabedor do fato de que o funcionamento de uma entidade sindical, por mais que evidencie aos olhos do público a pessoa de seu presidente, se deve, no dia a dia, ao trabalho coletivos de seus diretores e funcionários.

"Credito a todos os companheiros de minha diretoria as realizações e conquistas alcançadas. Só com esse apoio unânime foi possível o nosso trabalho", ele disse, muito bem embasado na experiência e no conhecimento da vida sindical por ter começado a militar ainda na gestão de Virgílio [de Castro Veado], de ter sido eleito 1º secretário na chapa de Salomão Borges e, por fim, tesoureiro na diretoria de Dídimo.

O próprio Dídimo, na entrevista ao programa Memória e Poder, ecoa esse simpático gesto de união sublinhado por Washington, e também o reverencia como figura-chave na disputadíssima campanha de 1975. Ou seja, como um dos responsáveis pela divulgação, país afora, do programa que sinalizava os novos caminhos trilhados a partir dali tanto pelo Sindicato quanto pela Casa do Jornalista.

O depoimento de Washington bem traduz aqueles momentos:

"Diante da repressão do regime militar e do cerco do Ministério do Trabalho, ao qual as entidades sindicais se submetiam e prestavam contas de suas atividades e recursos financeiros, Dídimo liderou o movimento que trouxe para a nossa Casa do Jornalista de Minas todas as grandes lideranças sindicais do país, que aqui, livremente, se encontravam e decidiam. O resultado foram as ameaças governamentais de invasão da entidade e a resistência democrática que fez nascer o novo sindicalismo, libertário, corajoso, autêntico e sem qualquer ligação com os pelegos sindicais de então", lembra Washington.

E acrescenta:

"Movimentos grevistas, debates acalorados, assembleias e reuniões de dirigentes sindicais do país todos, comandos de greve, todo mundo se reunia, livremente, na Casa do Jornalista, uma sociedade civil proprietária da sede do Sindicato dos Jornalistas mineiros. E, nessa condição, ela não tinha que prestar contas a governo nem a ministério nenhum."

PAULINHO ASSUNÇÃO é jornalista e escritor, com mais de dez livros publicados, entre ficção, poesia, crônica, infantojuvenil e biografia. É autor da pesquisa e do texto do livro "Álvares Cabral, 400 – A Casa da Liberdade", que conta a história dos 70 anos do Sindicato, do qual foi copiado o texto publicado nesta página.

SERIAL KILLER

MAURÍCIO LARA

"Dois dias depois surgiram novidades, para desagrado de Rosalvo, que esperava ver o assunto morto. Um repórter policial se interessou pelo assunto, farejando que a história poderia tomar proporções maiores. Ele procurou pelas famílias das meninas e descobriu um aspecto mais do que interessante do ponto de vista jornalístico.

Uma das desaparecidas sustentava a mãe velha e doente. Sem os programas da filha, a velha, com certeza, teria dificuldades até para sobreviver. Só que, poucos dias depois do desaparecimento, de manhã bem cedo, ela encontrou um pacote de dinheiro jogado por cima da cerca de sua casa simples de periferia. Dentro dele, uma quantia que a mulher nunca tinha visto, suficiente para ela sobreviver com dignidade por vários anos.

A mulher não contara a ninguém – nem ao delegado – sobre o pacote de dinheiro, como medo dele ser recolhido pela Justiça, mas acabou caindo na lábia do repórter e revelando tudo. Contou também que andou conversando na vizinhança e soube que, na noite em que o dinheiro apareceu, uma moto com o farol apagado parou rapidamente diante da casa dela e o pacote foi jogado sobre a cerca, como se fosse uma entrega de jornal. Em seguida, a moto arrancou em disparada e desapareceu.

O próprio jornalista cuidou de criar, no texto, a ideia de que havia um serial killer generoso e abastado, que matara a prostituta arrimo de família e cuidara de garantir o sustento da velha mãe. Era uma história e tanto, admitiu Rosalvo.

Mais dois dias se passaram e o mesmo repórter publicou outra matéria, trazendo fatos novos. Colegas de duas das prostitutas desaparecidas tinham visto quando elas entraram em um carro popular, escuro, dirigido por um homem que usava boné vermelho. Havia uma descrição do homem, mas confusa, de quem não vira a figura em detalhes ou que não tinha prestado muita atenção quando a colega embarcou no veículo.

O jornalista insistiu no fato de ser um carro popular escuro – ou seja, provavelmente o mesmo carro em todas as ações – e no boné vermelho. Tudo isso reforçava a ideia de um serial killer em ação. [...]

Um outro detalhe não tinha passado despercebido ao repórter metido a detetive. Ele percorreu floras da cidade tentando saber se alguém, em um carro como o descrito, tinha comprado pedras roladas na época do desaparecimento da mulher chamada Glória e que usava Kátia como nome de guerra. Mas ninguém das floras se lembrava, por ter se passado muito tempo."

MAURÍCIO LARA é jornalista e escritor. Autor de quatro romances, o mais recente deles é "O Porco", lançado em novembro de 2016, pela Editora Ramalhete, do qual foram reproduzidos os trechos aqui publicados.

foto CLÁUDIO CUNHA

INVASÃO DO CAMPUS

AMÉRICO ANTUNES

"Nem mesmo a energia contagiante das vozes unidas, cantando a música de Geraldo Vandré, ficando mais fortes e quase gritando em "quem sabe faz a hora não espera acontecer", conseguiu acalmar-me. Uma forte emoção me contagiou por inteira, dos pés à cabeça, e me fez arrepiar, mas a aflição veio em seguida, ao imaginar o que estava acontecendo lá fora. Havíamos ouvido o latido dos cães e visto os soldados chegando e a gritaria foi geral, quando a Suely interrompeu a fala do Robertão e propôs que começássemos a cantar, de mãos dadas. Numa fração de segundos, a massa estava de pé, transformando a assembleia em um eletrizante mar de vozes e mãos unidas. E o barulho das botas e latidos sucumbiu, abafado pela cantoria emocionada.

Não, é claro que as nossas vozes não mudavam nada! Os soldados continuavam lá, provavelmente à espera do comando do coronel, que nos testava, fazia guerra psicológica ou algo que o valha, eu pensei. Enquanto cantava, um turbilhão de pensamentos ia agitando a minha mente, cada segundo parecendo uma eternidade, exaurindo-me em angústias diante da pergunta inevitável: o que iria acontecer conosco? Madalena, mais tensa do que nunca, se agarrava à minha mão, com força, quase me machucando. E o medo que eu sentira o tempo todo fora, agora, substituído pela angústia da incerteza.

"Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais..." Os versos retumbavam nos vidros do DA, nas copas dos ficus e até no prédio da faculdade e, quem sabe, deveriam estar sendo escutados na avenida; se é que ainda havia alguém na Alfredo Balena, com coragem pra esperar o desfecho do III ENE na boca do leão.

Talvez ninguém, além da gente mesmo, estivesse ouvindo, mas isso pouco importava – o fundamental era que a cantoria confortava e dava segurança. Então, o turbilhão de pensamentos foi dando lugar a uma força incrível e eu cantei com mais vontade ainda, até que ouvi uma voz ao longe... Voltei os olhos em direção à alameda, mas só vi uma parede de soldados, escudos e cães.

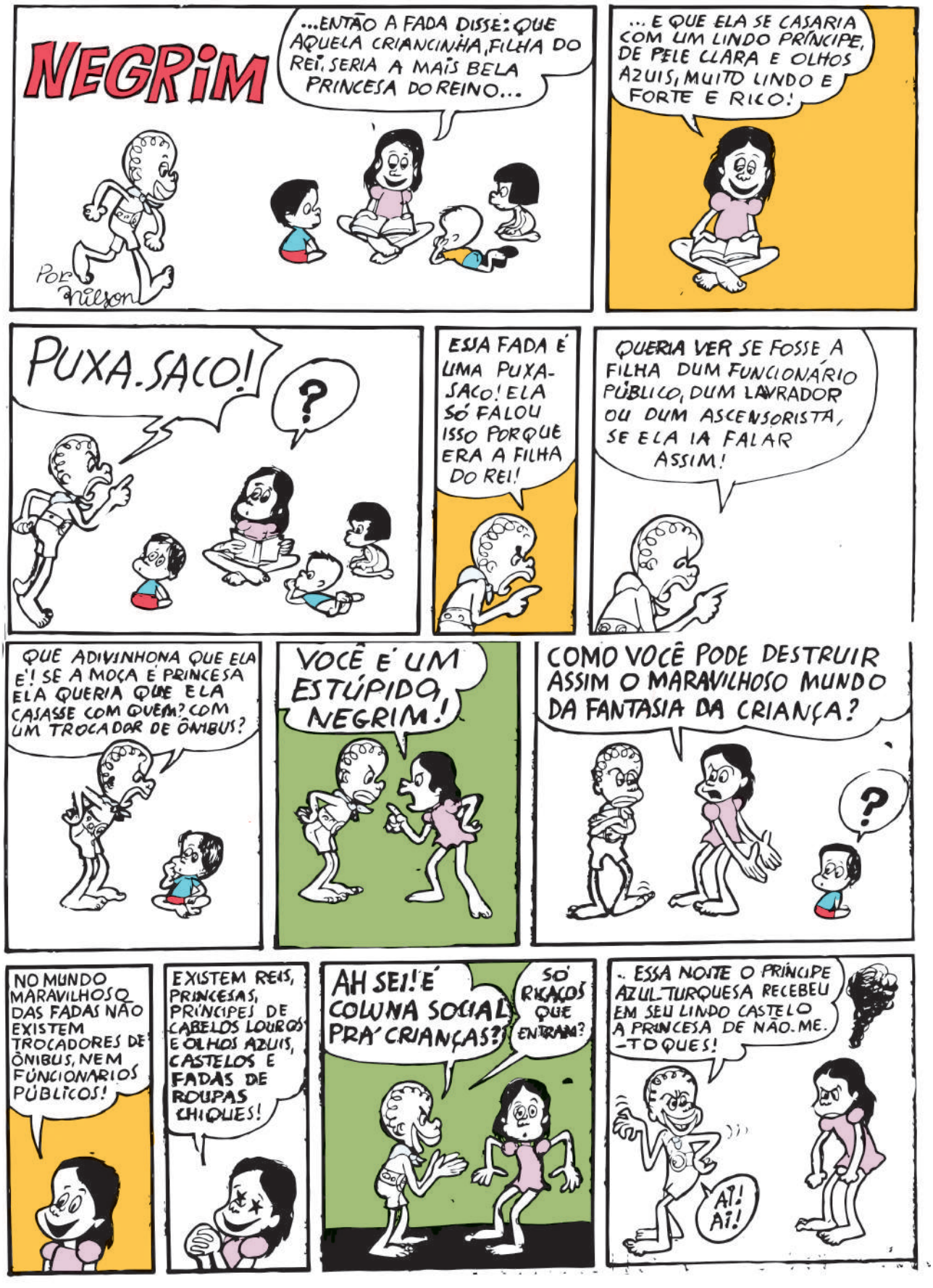
- Você está escutando, Madalena? – eu perguntei intrigada, apurando os ouvidos.

- O quê, Rita? Escutando o quê, Rita? – ela respondeu, pouco ajudando.

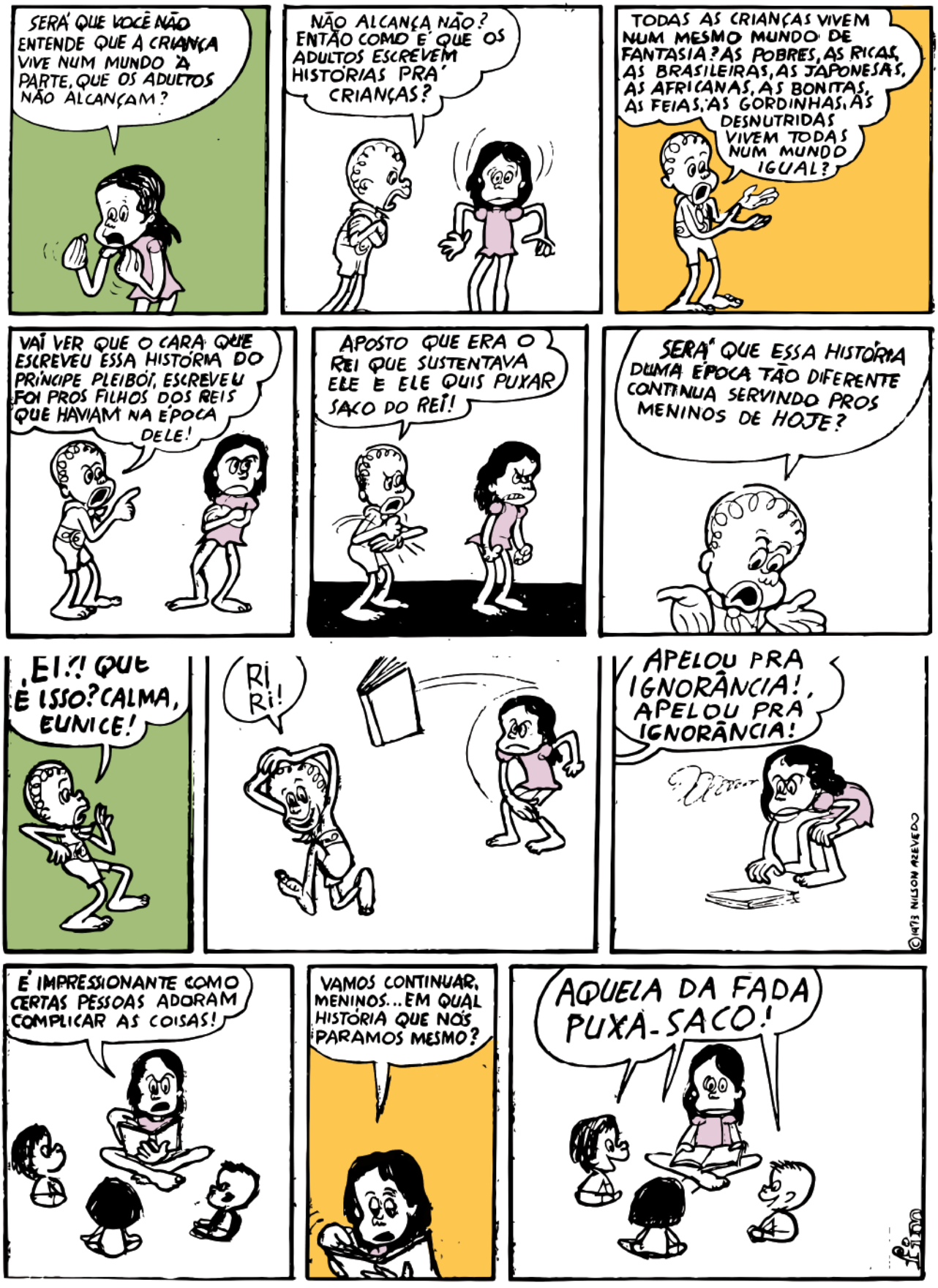
- Ouvi alguém gritar lá fora, Madalena! Parece uma voz num megafone... – eu disse, largando a sua mão e me esgueirando por entre a massa até a mesa da assembléia. Tinha certeza! Ouvira mesmo uma voz... Metálica... Impessoal... Autoritária..."

AMÉRICO ANTUNES é jornalista, ex-presidente do Sindicato e da Fenaj. Acaba de publicar o romance histórico "Nós, que amamos a revolução", do qual reproduzimos aqui este trecho, sobre a invasão da Faculdade de Medicina da UFMG pelas forças policiais da ditadura e prisão de universitários de todo o país que estavam reunidos no III Encontro Nacional de Estudantes, para reconstruir a UNE, no dia 4 de junho de 1977.

foto PEDRO MIRANDA


NEGRIM
...ENTÃO A FADA DISSE: QUE AQUELA CRIANCINHA, FILHA DO REI, SERIA A MAIS BELA PRINCESA DO REINO...
Por Nilson
... E QUE ELA SE CASARIA COM UM LINDO PRÍNCIPE, DE PELE CLARA E OLHOS AZUIS, MUITO LINDO E FORTE E RICO!
PUXA.SACO!
?
ESSA FADA É UMA PUXA-SACO! ELA SÓ FALOU ISSO PORQUE ERA A FILHA DO REI!
QUERIA VER SE FOSSE A FILHA DUM FUNCIONÁRIO PÚBLICO, DUM LAVRADOR OU DUM ASCENSORISTA, SE ELA IA FALAR ASSIM!
QUE ADIVINHONA QUE ELA É! SE A MOÇA É PRINCESA ELA QUERIA QUE ELA CASASSE COM QUEM? COM UM TROCADOR DE ÔNIBUS?
VOCÊ É UM ESTÚPIDO, NEGRIM!
COMO VOCÊ PODE DESTRUIR ASSIM O MARAVILHOSO MUNDO DA FANTASIA DA CRIANÇA?
?
NO MUNDO MARAVILHOSO DAS FADAS NÃO EXISTEM TROCADORES DE ÔNIBUS, NEM FUNCIONARIOS PÚBLICOS!
EXISTEM REIS, PRINCESAS, PRÍNCIPES DE CABELOS LOUROS E OLHOS AZUIS, CASTELOS E FADAS DE ROUPAS CHIQUES!
AH SEI! É COLUNA SOCIAL PRÁ CRIANÇAS?
SÓ RICAÇOS QUE ENTRAM?
.. ESSA NOITE O PRÍNCIPE AZUL-TURQUESA RECEBEU EM SEU LINDO CASTELO A PRINCESA DE NÃO-ME-TOQUES!
AI! AI!

A FADA ZAZÁ DE SOUZA MAYRINK MARCONDES DE ALENCAR COMEU TANTA TORTA DE BEIJA-FLOR COM MIOSÓTIS QUE TEVE UM PITI!
RÁ RÁ RÁ RIRIRI
RÁ RÁ RÁ RÉ RÉ RÉ RIRIRI
CAMBADA! PAREM COM ISSO OU EU CHAMO O LOBO MAU PRA' VOCÊS!
QUEM NÃO FICAR SENTADINHO AQUI OUVINDO AS HISTÓRIAS DA TIA EUNICE, A BRUXA VAI PUXAR A PERNA DELE DE NOITE!
...E LÁ VINHA O PRÍNCIPE RICARDO ALFREDO À TODA VELOCIDADE NO SEU FOGOSO CORCEL BRANCO!
PLEIBÓI!
A TODA VELOCIDADE NO SEU CORCEL? É UM PLEIBÓI, UM FILHIM-DE-PAPAI!
OS CAMPONESES TRABALHANDO E ELE ANDANDO DE CORCEL O DIA INTEIRO, AMEAÇANDO ATROPELAR OS OUTROS! E O DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO, NÃO VAI FAZER NADA?
VOCÊ DEVIA TER VERGONHA DE ENSINAR UMA COISA DESSAS PROS MENINOS!
VOCÊ É UM IMBECIL! O CORCEL DESSA HISTÓRIA NÃO É UM CARRO, É UM CAVALO MESMO! TUDO VOCÊ LEVA PRO LADO DO MUNDO REAL!


SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENTENDE QUE A CRIANÇA VIVE NUM MUNDO À PARTE, QUE OS ADULTOS NÃO ALCANÇAM?
NÃO ALCANÇA NÃO? ENTÃO COMO É QUE OS ADULTOS ESCREVEM HISTÓRIAS PRA' CRIANÇAS?
TODAS AS CRIANÇAS VIVEM NUM MESMO MUNDO DE FANTASIA? AS POBRES, AS RICAS, AS BRASILEIRAS, AS JAPONESAS, AS AFRICANAS, AS BONITAS, AS FEIAS, AS GORDINHAS, AS DESNUTRIDAS VIVEM TODAS NUM MUNDO IGUAL?
VAI VER QUE O CARA QUE ESCREVEU ESSA HISTÓRIA DO PRÍNCIPE PLEIBÓI, ESCREVEU FOI PROS FILHOS DOS REIS QUE HAVIAM NA ÉPOCA DELE!
APOSTO QUE ERA O REI QUE SUSTENTAVA ELE E ELE QUIS PUXAR SACO DO REI!
SERÁ QUE ESSA HISTÓRIA DUMA ÉPOCA TÃO DIFERENTE CONTINUA SERVINDO PROS MENINOS DE HOJE?
EI?! QUE É ISSO? CALMA, EUNICE!
RI RI!
APELOU PRA IGNORÂNCIA! APELOU PRA IGNORÂNCIA!
©1973 NILSON AZEVEDO
É IMPRESSIONANTE COMO CERTAS PESSOAS ADORAM COMPLICAR AS COISAS!
VAMOS CONTINUAR, MENINOS... EM QUAL HISTÓRIA QUE NÓS PARAMOS MESMO?
AQUELA DA FADA PUXA-SACO!

O BURACO É MAIS EMBAIXO

EDUARDO CASTOR

Os músicos mineiros precisam muito do apoio do governo de Minas. Poderia dizer os "artistas". Mas fico só com os músicos, porque é com eles que tenho maior contato. Das artes, a música é a que mais aprecio. Isto me levou, nos anos 90, a produzir shows em Teófilo Otoni. Ao todo, foram seis – Telo e Nico Borges (1993): Telo Borges, Paulinho Carvalho e Neném (Projeto Ponta de Areia, 1994); Telo Borges e Jucélia Rosa (Nós dois, 1994), Carlos Lucena (Tributo a Taiguara, 1995), Jucélia Rosa (Mistérios, 1995) e Telo Borges, Jucélia Rosa e Carlos Lucena (Calouradas, 1996).

Desde aquela época senti que faltava apoio aos músicos e à música de Minas. Existe uma música mineira? Existe, sim! E são renomados nomes da MPB que asseguram a diferença entre a música feita aqui e no restante do país. Dizem eles, em uníssono, que Minas Gerais é o senhor da harmonia e da fina melodia. Confiram Caetano Veloso, Chico Buarque, Nana Caymmi, Gilberto Gil, Edu Lobo, Gal Costa, a saudosa Elis Regina e muitos outros astros nacionais.

Pois bem! Se existe o reconhecimento entre os monstros sagrados da qualidade dos nossos músicos por que, então, a maioria deles, exceção ao grupo do Clube da Esquina (Milton Nascimento, Wagner Tiso, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Flávio Venturini, Túlio Mourão, Tavinho Moura e os letristas Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Márcio Borges e Murilo Antunes etc.) tem enorme dificuldade em mostrar seu trabalho para o público mineiro e brasileiro?

Esta tem sido minha preocupação desde que decidi produzir shows. Convivi, em 1975, com integrantes do grupo Saecula Saeculorum e recordo que, quase duas décadas depois, ao lançar o disco, o músico Marcus Viana alertava sobre este cometa que cortou os céus das Gerais e que permanecia desconhecido, apesar da excelência da música produzida. É a velha e sábia frase do teatrólogo Jota D'Ângelo, para quem "Minas não é mãe. É madrasta!"

Músicos não são só aqueles que alcançaram o estrelato. Percorra os bares da capital e do interior e você irá encontrar uma quantidade enorme de pessoas que abraçaram a profissão de "ir aonde o povo está", muitas vezes "em troca de pão". Recentemente, um renomado músico mineiro trabalhou por quatro horas para alegrar a alma dos ouvintes e, ao final da apresentação, levou para casa oitenta reais.

Desta nova geração pós Clube da Esquina – Telo Borges, Tadeu Franco, Carlos Lucena, Titane, Paula Santoro, Loslena, Caxi Rajão, Celso Adolfo – poucos conseguiram uma vida tranqüila. Cito o falecido Vander Lee, Skank, Jota Quest, Pato Fu e Paulinho Pedra Azul como aqueles que alcançaram expressão nacional e vivem muito bem na profissão. São exceções. A maioria dos nossos músicos trabalha muito e ganha pouco. Assim como os técnicos de som e luz. Gente que trabalha duro para garantir o sucesso do espetáculo.

Caro secretário Ângelo Oswaldo, meu ex-colega na redação do Estado de Minas: use sua vasta cultura e inteligência e crie alternativas que ajudem a melhorar a vida de milhares de nossos músicos. Eles e nós agradecemos antecipadamente.

EDUARDO SOARES CASTOR tem 62 anos. Trabalhou em vários jornais da capital, na CBS Telenotícias e PSN, ambas em Miami, nos EUA. Está aposentado desde junho de 2014.

CAROS COLEGAS

POR
SYMPHRONIO VEIGA
foto CLÁUDIO CUNHA

COBERTURA AMPLA, IRRESTRITA E TOTAL

– O 3º Congresso Nacional de Medicina foi realizado no início da década de 70, na AMMG, na gestão do renomado oftalmologista Hilton Rocha, que tinha na época, entre outros clientes importantes, Tereza, filha do todo poderoso Assis Chateaubriand, dono dos Diários e Emissoras Associados. O conclave médico em Belo Horizonte mereceu destacada cobertura da imprensa, notadamente dos Associados. Registrados nesta foto do Arquivo V&V, estavam presentes à reunião dos organizadores do evento meia dúzia de repórteres dos jornais do Chatô em BH (Estado de Minas e Diário da Tarde), todos com a mesma missão: cobrir o 3º Congresso dos Médicos.

Momentos antes da reunião preparatória, o diretor geral Pedro Aguinaldo Fulgêncio recebe um telefonema da AMMG solicitando um jornalista para cobrir o congresso e escala o repórter esportivo Álvaro Wilson.

-Mas doutor Pedro, eu só entendo de futebol – ele tenta escapar da tarefa.

-Não há outro repórter disponível na redação. Tem que ser você mesmo – determina o diretor.

Lá chegando, o primeiro que vê é um colega do mesmo jornal: o repórter Pedro Servo (terno escuro (c) designado na véspera pelo redator-secretário Odair de Oliveira. Ainda do Estado de Minas, Fialho Pacheco (fumando) e o foca Paulo Narciso (de óculos e camisa branca, ao lado de Leopoldo José de Oliveira, do Diário de Minas), além de Jésus Rocha (à direita, óculos escuros) do Diário da Tarde. O Diário de Minas enviou também Gabi Santos (d). Na frente, Jota Flores (O Diário) ao lado de Maura Eustáquia de Oliveira (O Globo). Mais atrás, à esquerda, o assessor de imprensa da AMMG, Olympio Coutinho, também repórter do Estado de Minas. Na última fila, Guilherme Apgaua (Diário do Comércio) e Ricardo Carvalho, também do Diário da Tarde. No fundo à esquerda, terno cinza-claro, o repórter esportivo Álvaro Wilson, do Estado de Minas. Cobertura ampla, irrestrita e total dos repórteres associados. (Foto Arquivo V&V)

COM O TEXTO ERRADO

Durante as aulas de Português no Colégio Tristão de Atayde, o professor Orosimbo me passava dicas de como escrever certo, que guardo até hoje. Depois, me transformei em um bisonho foca da Folha de Minas, em meados do século passado. Tinha 18 anos de idade e já possuía o registro profissional de jornalista. Naquele tempo, as matérias passavam por revisões de textos e das provas gráficas. Os erros eram perseguidos. E mesmo assim alguns escapavam. Hoje não existe o setor de revisão de textos e nem de provas gráficas. Por isso, cobra-se correção na redação do repórter. Vejam as dicas. Algumas são do professor Orosimbo. Outras obtive no quadro de avisos na redação da Folha de Minas, que tinha o corajoso Fernando Roquette Reis como chefe de reportagem e o gentil Fernando Dias Correia como secretário.

- "não esqueça das maiúsculas", como já dizia orosimbo donato, meu professor de português lá no colégio tristão de atahyde, em santa tereza, belo horizonte.
- Seja incisivo e coerente. Ou talvez seja melhor não...
- O uso de parênteses (mesmo quando for relevante) é desnecessário.
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar sempre é um erro.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Corta!
- A voz passiva deve ser evitada.
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação

CONTOS VERDES E MADUROS DE CARMO CHAGAS

Um livro que está sendo muito prestigiado é Contos Verdes e Maduros, lançado recentemente pelo jornalista Carmo Chagas, nascido em Inhapim. Em BH, Carmo Chagas estudou no Colégio Arnaldo e trabalhava no Banco Nacional. Na Faculdade de Direito da UFMG, seu colega Hélio Fraga achou que ele tinha jeito para escrever e o convidou para um jornal que estava para ser lançado, Correio de Minas, no começo de 1963. Aceitou o convite, pediu demissão do Banco Nacional, no qual trabalhava desde 1958. "Eu iniciava então o serviço militar, no CPOR tendo a honra de ser calouro do já repórter respeitado Symphronio Veiga e colega de turma do recruta Moacir Japiassu. Daí em diante, fui jornalista em Belo Horizonte (Correio de Minas, Diário de Minas, Alterosa, Denison Propaganda) e em São Paulo, a partir do final de 1965 (Jornal da Tarde, Veja, revistas femininas da Abril, Playboy, Afinal, assessoria de Imprensa do empresário Antônio Ermírio de Moraes, Nova Cultural, O Estado de S. Paulo). Em 1990, criei a Textual Produção Editorial, que mantive até agosto de 2013, quando vim a ter condições de me dedicar apenas aos meus projetos literários."

Desde então, Carmo botava ordem nos textos que nunca deixou de produzir nas horas vagas do jornalismo. O primeiro projeto concluído foi o livro Contos Verdes e Maduros, lançado em novembro de 2015 pela Reflexão. Ele continua trabalhando em outros projetos, que espera lançar brevemente. Antes, lançou três livros: Política, Arte de Minas (de 1994, produzido no ano anterior com patrocínio da Fiemg), a novela Vesgo (1999) e Feliz de Outro Jeito (2011), no qual reconstitui a vitória de sua mulher, Lea, em sua luta pela vida.

JORNALISTAS COMENTAM CARMO CHAGAS NA LITERATURA

Disse o Hélio Fraga (que o iniciou no jornalismo): "Não é prematuro dizer que estou diante de um livro excepcional, digno de todos os elogios que o Fernando Mitre lhe fez em textos igualmente primorosos. Se o jornalismo brasileiro perdeu muito com sua saída antecipada, nossa literatura tem muito a ganhar, e você pode entrar para a História, se ainda não tem cadeira cativa nela. Seu sucesso como escritor me empolga e emociona".

Zé Hamilton Ribeiro: "Oi, Carmo! Pensei q leria um conto, tudo bem, deixaria o livro pra lá, pra ler depois... Quá!! Cada história parece melhor q a anterior, tudo com tanta força e beleza! Um belo livro, coisa de marcar o ano! Parabéns, com boa sorte e alegria p o fim do ano e para os 16. Abração, do Zé H".

Já Fernando Portela ficou meio sem palavras para falar sobre seus contos. "Se eu tivesse uma máquina fotográfica Kirlian seria mais fácil: enviaria uma foto da minha aura durante a leitura deles. Dei um mergulho na vida dos seus personagens, impressionado com suas almas tão ricas. Não sei se devo dizer que valeu a espera, é muito tempo, mas fica a impressão de que os contos têm mesmo uma certa idade. Suas profundezas foram milimetricamente trabalhadas."

Disse Sandro Vaia: "Acabei de ler Contos Verdes e Maduros. Fazia tempo que não lia algo com tanto prazer. Fiquei íntimo de Pernambuco, Dorotéa, Pacotinho, Abelha e outros seres notáveis a quem você deu vida. Ficou o gosto de quero mais – e isso não é frase de efeito. Contos Verdes e Maduros, volume II, o quanto antes".

Washington Tadeu Melo falou: "Li – e guardei – o livro do Carminho 'Política, arte de Minas' e gostei muitíssimo do texto e da criatividade dele, qualidades insuperáveis. O novo livro, 'Contos verdes e maduros', certamente, é do mesmo nível – ou melhor, ainda – porque ele escreve o que vem 'lá de dentro da alma', que correu mundo, desde Inhapim".

CONTOS VERDES E MADUROS. Editora Reflexão. 264 páginas. Preço: **R$ 25**. Pedidos: Rua Antônio Mariani, 134, Butantã, São Paulo, SP, CEP 05530-000. Depósitos: Bradesco, Carmo R. Chagas. Agência: 2692, c/c 08234-10, CPF: 036 037 258-91.e-mail: carmoch@uol.com.br.

HOJE AINDA É **CARNAVAL!**

LAURA MARIA

Depois de dias de farra intensa no carnaval, acordou naquela quinta-feira com uma ressaca absurda. A bebedeira, porém, não configurava o único motivo do mal-estar do sujeito. Além da cerveja mais catuaba consumida desenfreadamente desde a sexta à noite, a sensação de não pintar o rosto nem de poder se banhar de purpurina e sair nas ruas vendo gente sorrindo até as orelhas lhe causou profunda dor.

Sair da cama naquelas condições nem pensar! Vai que, ao botar o pé pra fora de casa, ele encontrasse com alguém apressado falando ao celular? Ou então, ao adentrar a Estação Central, os rostos mal humorados contaminassem aquela alegria que cultivou tão deliciosamente durante esses dias? A melhor opção ainda seria acender um cigarro, enrolado por ele mesmo e esperar o dia passar.

Entre um trago e outro, sua opção era devanear. Seus pensamentos logo voltaram-se para aqueles dias de intensa e volúpia farra. Lembrou-se que na sexta-feira, ao pegar um bloco já em andamento – gostava mesmo era de chegar na concentração – encontrou-se com aquela que seria a musa do seu carnaval. Depois de ver que a moça curtia a folia genuinamente aproximou-se e, com poucas palavras, muitos sorrisos, logo se entregaram aos beijos ardentes. E se um perdia o fôlego por algum instante, o outro logo o recuperava com outro beijo fulminante. Agora, deitado, pensava por onde andava aquela que foi capaz de fazê-lo perder os sentidos e a direção.

Mas a bela carnavalesca não foi a única responsável por levar o sujeito à "perdição". Agora com a bituca do cigarro queimando-lhe os dedos, lembrou-se da pulsação que invadiu a cidade logo nos primeiros raios do sábado. Era uma mistura de cor, música, fantasia e alegria concretizada sob o sol escaldante. Era impossível permanecer alheio àquele rebuliço alegórico que só aumentava ao longo do dia.

Só no domingo é que pôde sentir o peso de seus 27 anos de sedentarismo. Apesar de esguio, as dores no corpo denunciavam a pouca prática saudável. Nada que dois copos de café, substitutos da catuaba naquela manhã, não pudessem resolver. E assim, munido do poder ultra-reparador da cafeína, perdeu-se mais uma vez nas ruas de uma Belo Horizonte que tinha sede de ser feliz naquele instante.

O sono, que chegou de mansinho querendo cerrar-lhe os olhos, não lhe permitiu mais lembrar dos outros dias da farra. Acordou de sobressalto com o toque do celular. Era o amigo o chamando pra uma já ressaca de carnaval, que aconteceria na quinta mesmo, dali a meia hora. Era o tempo de tomar um banho, beliscar alguma coisa e ser possuído pela rua de novo. O que ia fazer depois? Não sabia nem precisava de resposta, porque ainda "hoje é carnaval".

LAURA MARIA DO CARMO DE ASSIS é jornalista formada pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) em 2016. Escreve para o blog Cem Mais Palavras e é repórter do caderno Magazine, do jornal O Tempo.

foto *RAFAEL VIANA*

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. CUMPRINDO COMPROMISSOS E PRESTANDO CONTAS À POPULAÇÃO.

Em muito pouco tempo, a **Prefeitura de Belo Horizonte** fez muita coisa pela cidade. Todos os dias, algo novo é realizado para quem vive aqui. Esse é o trabalho da Prefeitura: **estar o tempo todo em busca de uma vida melhor para as pessoas em BH.**

Operação Viagem Segura. A presença da Guarda Municipal nos ônibus dos corredores com maior número de ocorrências.

Ampliação da presença da Guarda Municipal nas ruas em áreas de maior incidência de ocorrências.

Aumento do patrulhamento em zonas quentes de crimes com operações estratégicas para prevenção à violência.

Treinamento de 300 guardas municipais para Patrulhamento Comunitário Ostensivo e Preventivo e de Solução de Problemas.

Implantação de pontos de apoio para a Guarda Municipal nos parques.

PREFEITURA BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

www.pbh.gov.br

PERFIL 252

Álvares Cabral, 400 –A Casa da Liberdade

A história dos 70 anos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais e dos 50 anos da Casa do Jornalista contada em livro.

Pesquisa, entrevistas e texto de Paulinho Assunção. Artigos de João Paulo Cunha, José Maria Rabêlo, Fabrício Marques, Myrian Christus e Lorena Tárcia.

R$ 30

Exemplares à venda no Sindicato.

Telefone: **(31) 3224-5011**.